

Cada numero contém sempre uma obra completa



Aventuras extraordinarias d'um policia secreta ~ ~

O tesouro do negreiro

N.º 11



Desceu lentamente. Tudo se tornava sombrio em roda dele.

EMPRESA LITERARIA UNIVERSAL

RUA DA ERA, 17 — LISBOA

Esc. 1\$00

W 85-169 364

ACD

823.91

D598.99

P47

v. 9

no. 11

O TESOURO DO NEGREIRO

O testamento roubado

—Está hoje muito pensativo, mestre, disse Harry Taxon ao celebre policia, depois de o ter observado durante alguns momentos. Dir-se-ia que o jornal em cuja leitura está mergulhado ha tanto tempo, lhe offerece algum enigma a decifrar ou algum caso interessante para estudar.

Sherlock Holmes poz sobre a mesa o jornal que tinha na mão.

—Enganas-te, meu caro Harry, disse o policia gravemente. Foi apenas a noticia dum falecimento que me fez reviver alguns minutos do passado.

—Sem duvida um parente seu. Tornou Harry inquieto.

—Oh! não. O homem a quem me refiro não me era absolutamente nada.

—E, todavia, a sua morte interessa-o a esse ponto?

—E' certo, porque o acaso fez-me intrometer durante algum tempo na existencia desse homem, e nunca me foi dado ver uma vida tão fértil em aventuras, crimes e expiações.

Harry Taxon reuniu vagarosamente os jornais que jaziam sobre a mesa e no tapete. Com o olhar interrogava por vezes o rosto do mestre. Não ousava dirigir-lhe perguntas. Mas aguilhoava-o uma viva curiosidade de saber a historia desse morto.

O celebre policia conhecia muito bem o seu discipulo para lhe não lér esse desejo no rosto. Permaneceu calado ainda um momento, e em seguida pronunciou friamente estas palavras:

—Este homem era negociante de escravos!

—Negociante de escravos! repetiu o mancebo quasi com assombro. Mas julgava que já os não havia, e que todas as nações proibiam absolutamente esse trafico nas suas colonias e que o castigavam com as mais severas penas!

—Ha bem uns dez anos que este individuo renunciou ao seu triste negocio. De resto não

era nada extraordinario, que nos nossos dias, no interior da Arabia, um branco se entendesse com os Arabes para efectuar tão proveitoso negocio. Em Tombouctou, ha ainda mercados publicos de escravos, onde belos negros, de boa constituição, se pagam por centos de dolares. Travei conhecimento com o homem, cujo falecimento acabo de saber, devido a um pequeno serviço que tive occasião de lhe prestar. Fez-me as suas confidencias, e vim a conhecer toda a historia da sua vida. Que o soberano Juiz lhe seja favoravel! Mas, concluiu o policia, parece-me que nos chega uma visita.

De facto, ouviu-se o som estridente da campainha. Harry Taxon correu a abrir a porta. Achou-se em frente de um homem de estatura elevada, de aspecto solene. No seu rosto lia-se a perturbação e o susto.

—Sou Óbrien, notario, declarou numa voz alterada. Queira anunciar-me immediatamente ao sr. Holmes. Trata-se de um caso da maior importancia.

Um minuto depois, achava-se na presença do policia.

—O mancebo que me abriu a porta, disse o recém-chegado, deve ter-lhe dito o meu nome, senhor Holmes. Venho procura-lo por causa de um facto de que dependem a minha situação e a minha honra. Suplico-lhe que me auxilie de um modo eficaz.

Sherlock Holmes tornara-se pensativo. Volvidos minutos declarou muito socegradamente:

—Senhor Obrien, notario. E' isto mesmo! E' exactamente o nome que o velho Firmont, o negociante de escravos, me indicou.

—Firmont! exclamou o notario. Fala de Firmont? Mas é justamente...

—Por sua causa que aqui veio, terminou o policia sorrindo.

O notario observou durante um momento o policia, sem proferir palavra.

—Pois bem! disse por fim. Disseram-me maravilhas ácerca do seu instinto. Permite-me que o ponha á prova?

—Se isso lhe poder dar prazer, não se prive dela. Mas receio que lhe tenham dito de mais, e que se encontre desiludido.

O notário reflectiu um instante.

—Dizia pois, continuou ele muito intrigado, que conheceu Firmont.

—Perfeitamente, vi-o uma vez ha alguns anos.

—Diga-me então, qual é o assunto que aqui me traz?

Holmes fitou durante um instante o seu interlocutor, e disse com a sua voz aspera e penetrante:

—Vem pedir-me um conselho a respeito do testamento do falecido Firmont, negociante de escravos.

Obrien que se sentara, bateu com as mãos nos joelhos e exclamou:

—Com a breca! E' exacto!

—Creio poder afirmar, sem me enganar, que o testamento foi roubado a noite passada. Firmont faleceu, li' no jornal. Mas é o seu testamento, que ele depositou no seu cartorio, e não a sua pessoa, que o pode interessar. Portanto, a perturbação e o susto que se liam no seu rosto quando aqui entrou provam-me claramente que succedeu alguma coisa ao testamento. Vou mais longe: affirmo que o roubo não se deu sem violencia. Entregou seguramente o documento a um dos seus empregados, ao de mais confiança, sem duvida. Foi naturalmente assaltado a noite passada, e roubado.

—Com os diabos! exclamou o notário, que o espanto obrigara a erguer-se. Adivinhou tudo isso?

—Não retrucou o policia. Mas a nodoa de sangue que acabo de descobrir no seu punho diz-mo claramente. Está de boa saude e intacto: portanto esse sangue é de outra pessoa. E de quem senão daquele que o ladrão por certo atacou, do depositario do testamento?

O notário estava sufocado. Teve que se deixar cair sobre a cadeira.

—E' assim mesmo! declarou por fim. Ha já alguns anos que o velho Firmont, cujo passado fecundo em aventuras ignorava, me confiara o seu testamento. Guardara-o no meu cofre. Ontem de manhã, foi a minha casa um parente de Firmont. Participou-me o falecimento, e pediu-me que notasse a importancia extraordinaria do testamento do defunto. Mas — o notário interrompeu-se, vendo o olhar de Sherlock Holmes perdido no vago, — ouve o que estou a dizer?

—Nunca estive tão atento na minha vida, tornou o policia. Continue!

—O parente de Firmont communicou-me que este deixava imensas riquezas, de que faziam parte joias esplendidas e uma grande quantidade de ouro em pó. Avisou-me tambem que a abertura do testamento teria logar hoje mesmo. Devia portanto te-lo pronto e estar de aviso, porque entre os parentes do falecido havia gente audaciosa, capaz de tudo, que não recuaria

ante a violencia para se apoderar do testamento, e portanto do tesouro! antes da partilha.

—A abertura do testamento estava realmente marcada para hoje?

—Mas não! exclamou Obrien, muito excitado. E' justamente o que acho singular. Ninguém se apresentou até agora por causa do testamento. É contudo, o parente de Firmont tinha bastante razão em me avisar.

—Procurou o documento para o ter pronto no caso de o reclamarem?

—Certamente, nem já sabia onde o tinha posto. Fui encontra-lo no fundo de um cofre forte sob uma grande quantidade de livros. Coloquei-o num dos compartimentos da parte superior, fechei o cofre como de costume, e para cumulo de precaução, pedi ao meu primeiro empregado, um rapaz muito robusto, que passasse a noite na ante-camara do cartorio. Esta manhã, encontrei-o no leito, banhado em sangue.

Enquanto o notário dava estes detalhes, Sherlock Holmes tinha vestido o sobretudo.

—Está bem! disse, quando Obrien se calou. Vou sair consigo. Preciso ver o local do crime. O caso alegra-me deveras.

O notário não poude conter o seu espanto.

—O caso alegra-o? Acho, sr. Holmes, a expressão deslocada numa circumstancia tão desagradavel!

O policia deu uma ruidosa gargalhada.

—Não tome a mal, mas não posso deixar de rir. A sua historia causa-me viva satisfação. Infelizmente, não posso ainda faze-lo partilhar o meu modo ver! Enfim! venha comigo o mais depressa possivel! não temos um momento a perder.

Um carro, que esperava á porta, levou-os num quarto de hora ao cartorio do notário.

Sherlock Holmes subiu rapidamente a escada.

—Onde é o aposento em que o seu empregado foi ferido? perguntou a Obrien que o seguia a custo.

—No corredor. Primeira porta á direita. Espere-me, vou abrir a porta.

—E' inutil, replicou o policia. Está aberta.

Entrou e num relance abraçou a situação. Os malfeitores tinham, com o auxilio duma faca bem afiada, cortado as almofadas da porta. Depois, introduzindo a mão pela abertura, puxaram o fecho interior. O escrevente dormia, com a chave do cofre na algibeira. Deram-lhe uma violenta pancada no craneo. Em seguida abriram o cofre, como o notário dissera a Sherlock Holmes.

—Roubaram dinheiro ou valores? perguntou o policia.

—Nada absolutamente. De resto, o cofre só tinha uma quantia insignificante. Não ha duvida possivel. Só visavam o testamento de velho Firmont.

—Nunca o duvidei nem por um momento,

tornou o policia. Mas onde se encontra o seu primeiro empregado?

—Mande-o para casa, onde está entregue aos cuidados de um medico.

—O ferimento é perigoso?

—Já lhe disse, sr. Holmes Jamesson — é o seu nome — estava positivamente banhado em sangue.

O policia apanhou uma das almofadas da porta tirada pelos ladrões e examinou-a atentamente.

—Há quanto tempo é esse Jamesson seu primeiro empregado? perguntou ele.

—Ha bem um ano. Até aí era apenas escrevente. Mas mostrou-se tão inteligente e activo, que o nomeei meu primeiro empregado. Parece-me que tem suspeitas a seu respeito, senhor Holmes, possa afirmar-lhe que não há homem mais fiel, modesto do que Jamesson. Mas o que está fazendo?

Desejo simplesmente verificar onde está a parte interior da almofada.

—Em que pode isso facilitar-lhe a descoberta do assassinio?

—Espere um pouco, e notará a importancia do facto. Tenha a bondade de me conduzir junto do cofre forte.

Esse movel conservava-se como o notario o tinha deixado nessa mesma manhã. A porta estava aberta e a chave na fechadura.

—O seu empregado tinha sempre a chave do cofre? perguntou Sherlock Holmes.

—Não. Só lh'a confiei esta noite, para que estivesse em boas mãos.

—Realmente, a sua confiança excede os limites, tornou o o policia ironicamente.

—Mas, ainda uma vez, merecia-a esse rapaz. Cem vezes tive confiança nele, e nunca me faltou nem sequer um peni!

Isso não quer dizer nada, tornou o policia. E tirou a chave da fechadura para a examinar á luz.

—Diga-me, continuou, passado um momento, não tem um negro no seu escriptorio?

—Um negro? Dens me livre! Como lhe ocorreu essa ideia?

—Pergunto-lhe isto por descargo de consciencia, porque estou persuadido do contrario. Mas se quiser examinar esta argola da chave, encontrará ali um cabelo negro, muito grosso que aí se enrolou.

O notario olhou. O cabelo não tinha mais do que dois ou três centimetros de comprimento.

—E' certamente um cabelo de negro, conclue dali?

—Simplesmente que o assassinio é um negro que teve a chave durante algum tempo em seu poder, que a meteu sem duvida na algibeira juntamente com a escova do cabelo. E agora, queira acompanhar-me tão depressa quanto pos-

sivel ao domicilio do seu empregado. Dar-nos ha esclarecimentos, a não ser que esteja em esteja em estado muito grave.

Chegaram pouco depois á residencia do manco.

—Onde está o senhor Jamesson? perguntou o notario. Sou o seu patrão e desejava falar-lhe immediatamente.

—O Sr. Jamesson, declarou a porteira, uma mulher muito acieada e de bom aspecto. Safu hontem á noute para ir para o cartorio.

—Mas mandei-o para aqui esta manhã, exclamou Obrien, deveras atonito.

—Pelo amor de Deus! exclamou a mulher, succede-lhe alguma desgraça? Ainda hontem me disse que era seguido por uns homens de mau aspecto.

—Foi assassinado, murmurou o notario tornando-se muito palido, e fui eu que...

Naquelle momento tocou a campainha.

—Talvez seja ele, disse a mulher correndo para a porta.

Os dois homens ouviram uma voz perguntar:

—E' aqui que mora o senhor Jamesson?

Morava ainda hontem, retorquiu a porteira.

—Ah! é isso mesmo. Acabam de encontrar esta roupa no Tamisa, ainda não há um quarto de hora. Está toda cheia de sangue. Na algibeira das calças, achou-se esta carteira quasi sem dinheiro, mas com cartões de visita com o nome de John Jamesson. Num deles, esta escrita uma direcção a lapis. Supuz que fosse a dele e eis-me aqui!

—Com a breca! exclamou o notario, mas esse é o fato do meu primeiro empregado!

—Ah! gritou aquele que levava a roupa, mas é o sr. Sherlock Holmes que vejo.

Em pessoa, meu caro Wilson. Parecez não ter conhecimento do roubo que fizeram ao sr. Obrien?

—Perdão! O sr. Obrien informou-nos por escrito logo de madrugada, mas omitindo o nome do seu desditoso empregado. O pobre Jamesson parece de facto ter sido victima dos ladrões. Mas e-pero descobril-os dentro em pouco.

—Vamos! tanto melhor! feliz exito. Nada mais tenho que fazer aqui, senhor Obrien. Talvez, não obstante as investigações da policia de Londres, ouça falar de mim brevemente. Porque este caso agrada-me muito, encanta-me por completo.

E Sherlock Holmes afastou-se rindo.

A flexa envenenada

O celebre policia estava occupado a preparar um aparelho bastante volumoso.

—E' incrível, disse ele, o que a microphotografia, ou o aumento das provas fotograficas nos procura.

Emquanto escutava o mestre, Harry Taxon tratava de desarmar o aparelho e arrumar cuidadosamente as diferentes peças.

Sherlock Holmes pegou então numa placa e examinou-a á luz.

— Está perfeito, declarou.

«Os globulos sanguineos estão bem aparentes. Grandes discos arredondados, com uma excavação característica no centro. E' sangue de pombo.

Harry Taxon voltou do quarto contiguo, para onde tinha levado as diferentes peças do aparelho. Tinha algumas placas na mão.

— Estão todas perfeitas, disse o mancebo. Como os globulos sanguineos dos varios mamiferos differem entre si. O mortal que não conhece as maravilhas da microphotografia é incapaz de distinguir duas gotas de sangue. Ignora que esses globulos invisiveis á vista desarmada, e que formam a parte indispensavel do sangue apresentam formas diferentes e perfeitamente caracteristicas.

— Mas certamente affirmou o policia. Compara os globulos sanguineos do porco com os do pombo, ou mesmo com os do homem. O engano é impossivel!

— Aqui está a chapa que tirou hoje.

E o mancebo apresentou ao mestre a ultima placa da serie.

— Ah! vamos ver, tornou o policia, o resultado da minha esperiencia. Estás bem certo, Harry, que não há confusão possivel?

— Esteja descansado, mestre. E' a ultima. A parte inferior está ainda humida.

O policia collocou então a chapa contra a luz que entrava no aposento.

— Foi o sangue que obtive esta manhã no cartorio do sr. Obrien. E' o ultimo vestigio do seu desventurado empregado. Pode comparar este cliché aos outros.

E Harry Taxon examinou a placa onde os globulos de sangue se destacavam nitidamente.

— Não é possivel! disse o mancebo, olhando de soslaio para Sherlock Holmes que assobiava tranquilamente.

— E então que te parece? perguntou o policia num tom de indiferença.

— Penso que este sangue não pertence com certeza ao empregado do notario; retorquiu Harry Taxon.

— E porque não? interrogou Sherlock Holmes, estou pronto a afirmar, sob juramento, que fui buscar esse sangue cujos globulos tens deante dos olhos, ao leito onde o desgraçado passou a ultima noute.

Durante um instante, Harry olhou para o mestre como se o julgasse doido. Mas de subito exclamou:

— Também eu achei a decifração do enigma!

— E é... interrogou o policia limpando cui-

dadosamente o pó do manga do seu casaco.

— Toda essa historia foi inventada, disse o mancebo com animação. Este sangue é de porco. O empregado apenas fez um leve ferimento na cabeça e inundou a cama de sangue de porco.

— Muito bem, meu caro Harry! Lastimo não te ter levado hontem ao local do crime, terias ahí feito estudos aproveitaveis. Terias visto como eu, que o primeiro empregado do notario cortou por dentro as almofadas da porta, que abriu aos seus cumplices, entregando-lhes a chave em seguida. Eles não tiveram pressa nenhuma em realizar o roubo. Um deles, um negro, meteu a chave na alceira. Agarrou-se-lhe um cabelo á argola.

De resto, não tinham necessidade alguma de se apressar: um terceiro cumplice fôra na vespêra avisar o notario para ter o testamento pronto para o dia seguinte. O bom do homem assim fez naturalmente.

Harry Taxon havia seguido as explicações do policia com grande atenção.

— Crê realmente no roubo do testamento? perguntou friamente o mancebo.

— Não tenho a menor duvida a esse respeito. O defunto negociante de cadaveres tinha certamente socios que conheciam a existencia do tesouro e sabiam o seu valor em joias e ouro em pó. Ha ja muito tempo que o procuram! Nem mesmo a mim, a quem ele contou parte do seu tenebroso passado, revelou nunca o local exacto onde se encontra o tesouro. Mas os patifes sabiam bem que o seu testamento, onde o esconderijo estava indicado, tinha sido depositado no cartorio de Obrien. Mandaram um cumplice como empregado para aí, e esperaram paciente mente a morte de Firmont para darem o golpe.

Harry Taxon olhou para o mestre como se achasse alguma coisa a contestar na combinação.

— Bem sei o que pensas, tornou o policia. Dizes para tí que se os patifes tivessem tido occasião de se aproximar do velho Firmont, não teriam deixado de ajudar um pouco a natureza.

— E' exactamente o que penso.

— Essa idéa honra-te muito, meu filho, voltou o policia. Não me parece inutil dar uma volta pela casa do negociante de escravos afim de vêr se tudo se passou segundo as regras.

— Não seria melhor começar immediatamente as diligencias para descobrir os ladrões e impedi-los de pôr o roubo em segurança? disse um pouco estouvadamente Harry.

O policia fitou o discipulo e acudiu-lhe aos labios um sorriso ironico.

— Tens razão. Mostra-me portanto depressa a pista dos três ladrões. Devemos contar com três pelo menos.

— O mancebo, atrapalhado, baixou a cabeça.

— Perdoe-me, sr. Holmes. Falei sem reflectir. Deveria ter pensado que se o facto fosse huma-

namente possível, já o mestre estaria na pista dos criminosos.

—Não te deixes influenciar pelas generosas inspirações do teu coração, tornou o policia rindo. Não sou feiticeiro, mas é provável que os três fírios, depois de terem achado no testamento o que procuravam, apoderaram-se do tesouro e desapareceram, porque o sólo de Londres deve queimar-os depois da proesa. Pódes, contudo, acompanhá-los. Já fui uma vez á residência do falecido, e posso asseverar-te que vale a pena visitá-la. Tem uma galeria de curiosidades que constitue uma maravilha e contém uma coleção unica de raridades de todas as latitudes.

Chegaram a casa do sr. Firmont depois de andarem bastante tempo em carro. Sherlock Holmes tocou. A porta abriu-se acto continuo. Apareceu no limiar uma cabeça escura, que se mostrou prudentemente sem abrir por completo a porta.

—O sr. Firmont morreu, disse uma voz meiga com um acento estrangeiro.

E a porta esteve quasi a fechar-se sobre os dois policia. Mas Sherlock Holmes gritou:

—Zafre, não me conheces, o amigo do teu velho senhor?

A porta abriu-se e dois olhos negros examinaram ansiosamente o policia.

—Ah! senhor... senhor...

—Sherlock Holmes, completou este sorrindo. Os dois homens entraram. Harry Taxon achou-se na presença de uma soberba mulata. Podia ter dezesseis anos, O cabelo negro e crespo, cujos aneis abundantes a jovem deixava cair sobre a nuca, era a unica cousa que lhe trafia a origem. A pele não era mais escura que a de uma italiana do sul, de quem possuia as feições puras e regulares. Sherlock Holmes olhou em volta de si.

—Houve mudança, disse o policia.

—Sim, sr. Holmes, disse a jovem. Os parentes do sr. Firmont vieram aqui e levaram tudo que podera.

—E tu?

As lagrimas acudiram aos olhos da rapariga.

—A mim? Ninguém me quiz...

—Pobre pequena, disse o policia passando-lhe a mão pela cabeça. E como tens vivido desde que morreu o sr. Firmont?

A mulata designou a parede, ainda ornamentada com armas africanas e peles de animais.

—Vendi algumas cousas, retorquiu hesitante. Tinha tanta fome!

—E não tens medo de aqui estar só? perguntou Sherlock Holmes.

—Oh! sim! tornou a rapariga, principalmente de Maori.

Sherlock Holmes tornou-se atento.

—Maori? Quem é?

—Um velho conhecimento do sr. Firmont.

—Veiu ve-lo muitas vezes?

—Muitas não, vinha aqui em varias epocas do ano.

—E quando foi a ultima vez que cá esteve?

—Pouco tempo antes da morte do meu senhor.

—E disputaram os dois homens?

A jovem reflectiu durante um momento.

—Não, replicou por fim, nunca! Mas depois das visitas de Maori, o sr. Firmont ficava triste e taciturno.

—E ha quanto tempo conheces esse Maori? proseguiu o policia.

—Oh! ha muito tempo. Parece-me te-lo visto ainda criança, na minha patria.

—E' um negro?

—Sim, é o negro. Falava sempre da Africa com o sr. Firmont. Mas eu era sempre obrigada a sair do aposento quando ele estava.

—E teu amo morreu muito depois da ultima visita de Maori? perguntou o policia, ao mesmo tempo que examinava atentamente os objectos que ornamentavam ainda as paredes.

—Não sei, tornou a jovem. O sr. Firmont mandara-me sair do quarto... e quando voltei passado algum tempo, Maori tinha-se retirado, e o meu velho senhor estava deitado no chão, morto.

Sherlock Holmes tirou uma flecha da parede e examinou-a com atenção.

—E' uma arma dos guerreiros Massai, disse elle dirigindo-se a Harry. Não deve estar aqui ha muito tempo, porque não tem pó.

—E' verdade, notou Zafre. Foi Maori que a trouxe na sua ultima visita. Trazia muitas vezes cousas d'Africa, uma vez até trouxe serpentes vivas, que o meu senhor matou immediatamente.

—Eis um amigo cheio de atenções! Pódes precisar em que attitude encontraste o sr. Firmont?

—Oh! era horrivel, tornou a jovem, numa voz tremula. Tinha a cabeça inclinada sobre o peçoço, e as mãos fechadas com tanta força que os homens, que o levaram para a Morgue, não poderam abri-las.

—Não era aqui que estava a secretaria do sr. Firmont? perguntou o policia designando um espaço vazio ao longo da parede.

—Exactamente, sr. Holmes. Os parentes levaram-na. Remexeram todas as gavetas, e ao mesmo tempo não cessavam de me perguntar onde estava o testamento. Mas eu nada sabia a esse respeito.

—Lembras-te como estava a secretaria, quando voltaste e encontraste o teu amo morto?

—Tive tanto medo, retrucou a jovem, quando o vi jazendo no solo, que saí do quarto sem ver cousa alguma. Mas — sim, é isso mesmo, — os parentes ralharam-me por eu ter, segundo eles diziam, aberto e remexido as gavetas. Pa rece que segundo as leis inglezas não tenho di

reito a cousa alguma da herança, porque... minha mãe não foi... casada com o sr. Firmont segundo as leis daqui, tornou a pequena com voz tremula.

—Os parentes tinham portanto notado que um deles já tinha procurado o testamento, e é a ti que acusavam, minha pobre Zaíre!

—Assim foi, sr. Holmes. Mas eu asseverei-lhes que nada tinha tirado, retorquiu a linda mulata, muito segura de si.

—Acredito-te, minha filha. Ah! Harry, olha para aquele cão que anda pela rua meio morto de fome. Leva-lhe este bocado de pão e vê se o trazes aqui.

O mancebo, um pouco contrariado, sacudia a cabeça ao descer a escada. Que idéias singulares tinha às vezes o seu mestre! Manda-lo á rua buscar um cão vadio! Mas habituado a obedecer sempre ás ordens do mestre, o mancebo tentou entrar nas boas graças do cão que corria de porta em porta. Bem depressa o conseguiu, porque o pobre animal estava meio morto de fome. Comeu ávidamente o pão que Harry lhe atirou e apesar de hesitante, seguiu o mancebo a casa. Quando chegou á porta do aposento onde se achavam o policia e a jovem, parou por um instante. Mas a fome venceu-o. A resistencia não se prolongou. Entrou. A porta fechou-se, estava prisioneiro. Permaneceu á entrada, muito interdito.

—Afasta-te do cão, gritou Sherlock Holmes ao discipulo, para que te não atinja por engano!

Harry Taxon mal teve tempo para se desviar. Sibilou no ar uma flecha. Fôra atirada pelo policia. Alvejara o cão com mão segura. Ouvia-se um grito de dor. O animal quiz voltar para a porta. Mas no mesmo instante, como se o tivesse atingido uma descarga electrica, caiu no solo. Inclinou a cabeça. Teve um violento fremito dos musculos. Apareceu-lhe espuma na boca e um minuto depois, estava morto. Harry e a jovem assistiram estupefactos áquele drama.

—Era o que eu pensava, disse o policia arancando com precaução a flecha do sólo. A morte do velho Firmont não foi natural. Esta flecha está impregnada do veneno chamado «gombi», que certos negros conhecem e cujos efeitos são comparaveis aos do «curarez». Foi lançada por Maori, com o fim de matar o seu antigo amigo, cujo tesouro havia muito cobigava.

Entretanto, Zaíre tinha-se retirado.

—A pequena não estava a dizer que o falecido era seu pai? perguntou Harry.

—Perfeitamente. Não me deu novidade nenhuma, porque o velho Firmont já mo confiara ha muito tempo,

—Oh! se tivéssemos uma pista para tirar a presa a estes patifes! Dava um ano da minha existencia para o conseguir!

Sherlock Holmes teve um sorriso singular,

enquanto embrulhava cuidadosamente a flecha num bocado de papel.

—Entretanto leva esta prova do crime ao meu amigo Wilson, inspector da policia. Conta-lhe tudo o que viste e pede-lhe um mandado de prisão para o negro Maori.

—E Zaíre? interrogou Harry com o olhar brilhante.

—Vou primeiro do que nada confia-la á nossa boa governanta, replicou o policia. Não me parece em segurança aqui, Deus sabe quantas especies de ciladas existem nesta casa, que foram armadas contra o velho Firmont, mas em que a pobre pequena podia cair.

Zaíre entrava neste momento com um maço de cartas na mão. Entregou-o a Sherlock Holmes dizendo:

—Não sei o que contem estes papeis. Mas creio que estarão melhor nas suas mãos do que nas minhas. Deu-mas o sr. Firmont para lhas confiar. Parece-me que se trata af do meu futuro.

—Veremos isto mais tarde, minha filha. Entretanto, segue-me. Não podes continuar a viver assim nestes sobresaltos constantes.

Os subterraneos da Morgue

A sra. Bonnet recebera Zaíre de braços abertos. Sherlock Holmes sabia que ella estava em boas mãos junto da excelente criatura. Portanto instalara-se no seu fauteuil, acendera o cachimbo, e entregara-se ao exame das cartas que Zaíre lhe confiara e que lera conscienciosamente.

—Nenhuma pista, disse o policia. Apenas cartas da sua defunta esposa que me hão-de ser muito uteis para estabelecer a legitimidade da pequena Zaíre, fruto da união consumada em Livingstone, entre sua mãe e Firmont. Mas na dada mais. Nada que possa indicar o local onde o tesouro está occulto. Com a breca! O caso parece-me desesperado! Segundo todas as probabilidades, o esconderijo do tesouro acha-se indicado no testamento. Este está nas mãos dos ladrões. Assim, a unica herdeira do negociante de escravos, a pequena Zaíre, achar-se-ha despojada da grande fortuna a que tem direito...

A porta abriu-se com violência. Harry Taxon entrou como um furacão. O seu rosto traía a maior comoção, nem podia respirar.

—O que te succedeu? perguntou o policia enchendo o cachimbo. Encontrei o negro Maori?

O mancebo, exausto, deixou-se cair sobre uma cadeira e limpou a fronte donde escorria a transpiração.

—Receio muito, mestre, disse ele por fim, que tenha seguido o caminho errado. Segundo a sua opinião o primeiro empregado do notario é cumplice dos ladrões? Pois bem! Ainda não ha um quarto de hora que o seu cadaver foi retirado do Tamisa.

Sherlock Holmes deu um pulo na cadeira. Durante um instante, fitou o discípulo atentamente. Via-se que a sua imaginação e o seu raciocínio tentavam conciliar esse facto novo com as suas deducções anteriores. Até ali, admitiria o assassínio e o roubo. Seriam fantasias, ou poderiam fazer entrar esse novo cadaver na antiga combinação?

— Onde está o cadaver de Jamesson? perguntou por fim.

— Na Morgue, sr. Holmes, respondeu Harry. — Está bem. Vou até lá. Tu, fica e toma conta em Zaíre.

O policia subiu para um carro, e fez-se conduzir ao triste edificio onde os cadaveres de gente desconhecida, ou os corpos daqueles que morrem de morte violenta são conservados até ao momento em que o juiz dá autorização para os enterrarem.

— Ah! Wilson, disse Sherlock Holmes ao seu amigo que saía justamente do edificio, tambem aqui estás. E então, o que pensas deste interessante caso?

O inspector mostrou uma fisionomia contrariada e retorquiu:

— Deixa-me em paz com o teu caso; e preparava-se para sair.

— Oh! oh! tornou o policia, segurando-o pela manga do casaco, não o achas assaz interessante?

— Os diabos me levem! O teu Harry Taxon contou-me um sem numero de historias: o envenenamento do velho Firmont com o *gombi*; a morte simulada do primeiro empregado do notario, etc... Nestas condições temos trabalho para seis meses. Já ando atormentado com outros. Nem sei onde vou parar! Ha meia hora o duque de Norfolk estava em minha casa para me informar que os infames bandidos tinham derrubado o monumento funebre onde jaz sua esposa no cemiterio de Westminster. E como é de marmore, está absolutamente estragado. Dez minutos depois, o conde de Sussex fazia-me identica declaração. Na mesma noite, os patifes, os mesmos provavelmente, deram cabo de um monumento que está sobre o tumulo da familia. Devias bem auxiliar-me com os teus conselhos neste assunto da violação de sepulturas. Não perderias nada, porque esses dois fidalgos prometeram duas mil libras de recompensa a quem descobrisse os culpados.

— Não trabalho para megratificarem. Até á vista.

E, voltando as costas ao amigo, entrou no *hall*.

— Quem procura, sr. Holmes? perguntou-lhe um empregado. Todos conheciam o policia.

— Procuo o corpo de um tal Jamesson, empregado de um notario.

— Ha um minuto que foi reconhecido e levado para os subterraneos. Vai para aí esfriar enquanto espera a decisão do juiz.

— Preciso absolutamente de o ver, declarou o policia, gratificando o seu interlocutor.

— Nesse caso, tenha a bondade de me seguir.

Logo que Sherlock Holmes se encontrou na escada, foi surpreendido por um ruido cuja intensidade aumentava a cada momento.

— Que é isto? perguntou, parando.

— São as maquinas frigorificas a vapor. Estão ainda por baixo dos subterraneos.

E continuaram a descer.

— Está fresco aqui, notou o policia. Mas onde estão os cadaveres? Não vejo nenhum neste grande subterraneo.

O empregado designou as paredes do espaço quadrado onde tinham chegado.

— Vê estas portas? São dificeis de distinguir porque tem a mesma cor que as paredes.

— Ah! sim, vejo. Cada uma delas tem uma abertura triangular.

— Exactamente. As portas fecham-se hermeticamente e estes buracos são para introduzir a chave que as abre. Cada uma forma uma galeria de cerca de dois metros de comprimento e de setenta e cinco centimetros de largo, na qual os corpos estão submetidos á acção de uma temperatura de 15 graus Farenheit. Precisa ainda de mim, sr. Holmes? continuou o empregado depois de ter aberto um dos compartimentos, que tinha a inscrição «Jamesson». Tenho que fazer lá em cima.

— Não, Warwick. Careço de examinar o cadaver metulosamente, e levo tempo nessa operação.

— Pois bem! ninguem o incomodará. Quando acabar, carregue no botão. A campainha electrica me prevenirá.

Ficando só, Sherlock Holmes começou o seu exame pela cabeça e pelo pescoço do cadaver.

— Vejamos, murmurou ele, temos primeiro um profundo golpe na frente. Foi provavelmente o que o desgraçado fez a si mesmo, para mostrar que tinha sido vítima de um atentado.

O policia apalpou em seguida cuidadosamente a cabeça do morto, ao mesmo tempo que continuava o seu monologo.

— Sim, o craneo tem vestigios do golpe de um instrumento contundente. Teve portanto luta com os adversarios, e particularmente com Maori, sem duvida.

Depois desabotoou o fato que cobria o corpo do defunto e revolveu-lhe as algibeiras.

— Não tem nada. O fato é novo. O velho foi deposto nas margens do Tamisa, para fazer crer á policia que Jamesson tinha sido immediatamente assassinado pelos seus cumplices. Pois bem! Não! Vivia ainda. O fato novo que comprou prova-o mais do que suficientemente. Só mais tarde é que os seus cumplices tiveram a idéa de o fazer desaparecer.

— De duas uma: ou eles acharam o tesouro

de velho negociante de escravos, segundo as instruções do testamento, e não quizeram partilha-lo; ou então...

Sherlock Holmes não terminou. O seu olhar fixou-se no pescoço do morto. Marcavam-no duas notas azuladas, sanguinolentas.

—Que é isto? murmurou o policia. O pobre rapaz foi estrangulado de um modo terrivelmente brutal, logo depois de ser ferido. E' muito singular!

Apalpou a traqueia e a laringe.

—Co'os demonios! exclamou, mas dir-se-ia que o estrangularam para o impedir de engulir qualquer coisa. A laringe está absolutamente esmagada.

Abriu então com cuidado a boca do cadaver. Já tinha a rigidez cadaverica, paralisando os musculos e as articulações. Com a lanterna electrica poud examinar a garganta.

—Não me havia enganado, murmurou o policia, com um riso de contentamento. Vejo na parte posterior da boca um objecto branco, fazendo ou papel sem duvida.

Tirou da algibeira um estojo, que continha toda a especie de instrumentos, desde uma agulha até uma chave de parafusos. Tirou daí uma pequena pinça, introduziu-a com a maior precaução entre os dentes do morto, e tratou de extrair o objecto que estava na boca. Conseguiu-o por fim.

—Um bocado de papel! exclamou Sherlock Holmes.

Endireitou cuidadosamente o papel humido que apresentava marcas bem nitidas dos dentes. O empregado do notario tinha querido mastiga-lo com certeza pouco tempo antes da sua morte.

—E' apenas um pedacinho, murmurou o policia. Quem sabe o que o desgraçado enguliria antes de morrer?

Projectou sobre o papel a claridade da lanterna, afim de ver melhor o que ele continha. Os caracteres apagados pelas dentadas e pela saliva, estavam quasi indecifráveis: ...a *tambem* *conhecia*... *dei*... *erio*... *numento*... *de* *Giacomo*... *lli*... *dição*... *aquele* *que*... *rar*... *Firmont*. Foi tudo quanto Sherlock Holmes poud decifrar.

—E' realmente muito pouco, pensou ele. E contudo estas linhas tem uma tal importancia, que o infeliz Jamesson preferiu engulir-las a entregar-las aos seus implacaveis companheiros. E' um fragmento do testamento do velho Firmont: não oferece duvida alguma. Trata-se aqui do famoso esconderijo do tesouro.

Meteu então o papel humido na carteira e em seguida tocou a campainha.

—Ha-de dizer aos medicos encarregados da autopsia, disse ele ao empregado, que deem atenção aos bocados de papel que possam en-

contrar no esofago ou no estomago. Levar-mos hão o mais depressa possivel. Pagarei bem.

O empregado prometteu-lhe que não se perderia o minimo pedacinho, e o policia afastou-se. Chegou a casa num estado de fadiga e de excitação que lhe era muito raro. Sem sequer falar a Zaire nem a Harry Taxon, correu para o seu laboratorio, onde se achava o aparelho fotografico. Depressa o instalou e fechou as persianas que não deixavam entrar claridade alguma no vasto aposento. Com o auxilio da luz electrica colou o bocado de papel que encontrara na boca do morto sobre uma pequena taboa, colou-a no aparelho de aumentar. Jorrou um clarão da lampada de magnésio. Esta operação durara apenas alguns minutos. O desenvolvimento do clichê fez se num instante. Com as mãos tremulas de comoção, levou a placa ainda humida á luz do dia.

—Era o que eu pensava, murmurou. Os caracteres significavam: *Minha filha tambem conhecia o verdadeiro cemiterio. E' o monumento de Giacomo Diabelli. A minha maldição sobre aquele que lhe tirar. Firmont*.

Depois de uma longa pausa, deixou pender a mão que segurava a placa.

—Giacomo Diabelli! murmurou com os labios tremulos de comoção. E' o escultor celebre que faz principalmente monumentos funebres de marmore. Mas porque é que o velho Firmont apenas fala «do monumento»? Parece que ele já fez pelo menos uns dez.

Ocorreu-lhe então uma idéa.

—Mas, tornou em voz alta, quando o sr. Firmont fez o seu testamento, não havia talvez no cemiterio a que se refere senão um monumento desse escultor. Eis porque não designou mais claramente o local. E' ainda uma felicidade Zaire saber o cemiterio de que se trata.

E enquanto reflectia, passeava no quarto de um lado para o outro.

—Mas porque motivo, monologou o policia, a lembrança de Wilson se liga no meu espirito ao pensamento de «monumento» e de «cemiterio»?

Logo em seguida, soltou um grito de triumpho.

—A noite passada foram destruidos dois monumentos no cemiterio de Westminster. Ambos são de marmore. Não sabia que eram obra de Giacomo Diabelli. Agora não o posso duvidar. Mas porque enguliu Jamesson antes de morrer o precioso papel que continha a indicação do esconderijo? Quiz oculta-lo aos cumplices, é claro. Oh! mais um véu que caí Jamesson roubou o testamento. Não o entregou aos cumplices. Disse-lhes que o não encontrara. Não o acreditaram, seguiram-no dia e noite, encontraram-no no cemiterio de Westminster, e como ele não queria entregar o segredo, mataram-no.

—Sim, disse consigo o celebre policia, as minhas deduções, desta vez, não me podem en-

ganar. Todos os factos concordam neste sentido. E esta noite, continuou sorrindo, chegaremos ao momento psicologico. Os dois patifes, Maori, o negro, e o seu cumplice, aquele que contou ao notario a historia da abertura do testamento, hão-de com certeza voltar afim de procederem ás suas buscas noutros monumentos. Felizmente que Zaire vai poder fornecer-me esclarecimentos. Vou perguntar-lhe o que sabe com respeito ao segredo do tesouro.

la dirigi-se ao quarto da sr.^a Bonnet, quando Harry abriu a porta e entrou.

— Ah! chegaste em boa occasião. Vou tranquilisar-te. Achei a pista do nego Maori. Segui-a, e tão bem que conto ainda esta noite poder prendelo com o teu auxilio.

— Ah! exclamou alegremente Harry, chegaremos portanto antes do inspector da policia Wilson. Parece que, tambem elle, encontrou a pista dos verdadeiros culpados.

— Wilson! Mas ha uma hora, que me declarou não ter tempo para se occupar deste caso. Onde foste buscar esse esclarecimento?

— Telefonou-me ha meia hora para lhe pedir que Zaire...

Interrompeu-se bruscamente. A fisionomia do seu mestre tomou uma expressão terrivel, que o rapaz empalideceu e não poudo pronunciar uma palavra.

— Zaire! exclamou o policia, com a voz alterada. Que tem com ela? O que telefonou Wilson?

— Telefonou, retorquiu Harry, mortalmente assustado, que devia mandar Zaire o mais depressa possivel á esquadra central da policia de New-Scotland-Yard. Tinha ordem para a interrogar sobre os incidentes que acompanharam a morte do velho Firmont. Este interrogatorio devia ter logar immediatamente.

— E tu? tornou o policia, cheio de impaciencia. Que fizeste?

— Eu, replicou Harry hesitando, mandei-a acto continuo á policia.

— Entregaste-a a Wilson em pessoa?

— Não, confesso-o, balbuciou Harry. Diante da porta principal do edificio estava um policia fardado. Foi ao meu encontro quando me apeei do carro com Zaire, disse-me que o sr. Wilson esperava impaciente a pequena e que recebera ordem de a conduzir immediatamente á presença do seu superior.

— E tu, onde ficaste?

— Eu, segui o policia, naturalmente, e a seu convite, esperei-o num corredor. Vi Zaire entrar para uma casa onde se achava muita gente e alguns empregados. O policia voltou passado um momento e disse-me que o interrogatorio tinha demora e que eu podia voltar para casa, porque o sr. Holmes me tinha chamado pelo telefone. O sr. Wilson acompanharia aqui Zaire, immediatamente e aqui estou!

Sherlock Holmes deixara-se cair sobre uma cadeira.

— Tão perto do fim! murmurou. Ser vencido quasi por completo!

— Realmente, acredita que Zaire foi raptada? suspirou Harry.

— Ainda duvidas? exclamou o policia furioso.

— Mas podia eu adivinhar que esse policia era um impostor? gemeu Harry com o maior desespero.

— Sim, tens razão! De resto, a culpa é um pouco minha. Devia ter pensado que esses dois patifes me observavam e viram que trouxe Zaire para minha casa. Quando comprehendem a importancia da posse da jovem, esperaram que eu sásse e imaginaram essa invenção diabolica.

— Ainda não posso crer que raptassem Zaire, replicou o mancebo.

— Pois se queres convencer-te, telefona a Wilson. Estou certo que se acha no seu escritorio.

Pouco tempo depois, Harry saíu do aposento contiguo. Sherlock Holmes notou o rosto alterado do seu discipulo.

— E então! perguntou-lhe, o que disse Wilson?

— Não ouviu falar de Zaire. Mandou perguntar á casa que lhe designei. Os empregados responderam que um dos seus colegas, que não conheciam, estiveram ali durante algum tempo com uma jovem, e que se retirara com ella.

— Que sinais tem esse empregado?

— Deve ter trinta anos. E' simpatico. Tem cabelo louro, e se me não engano...

— O nariz um pouco torto e vermelho, interrompeu Sherlock Holmes,

— Conhece-o, mestre?

— Infelizmente não. Mas reconheço na descrição que me fazes, o homem que representou ha dois dias, junto do sr. Obrien, o papel de Firmont, e que lhe recomendou tão instantaneamente para ter pronto o famoso testamento. Certamente, tu e Obrien, lidaram com o mesmo personagem.

Sherlock Holmes reflectiu um momento.

— Não está ainda tudo perdido, acabou por declarar. A posse de Zaire assegura aos patifes um grande adiantamento.

Vão extorquir á pobre rapariga todos os esclarecimentos possiveis. E se Zaire sabe alguma cousa acerca do monumento de que se trata, está acabado! O tesouro nunca lhe pertencerá...

Harry Taxon vestira o sobretudo e pegara na bengala.

— Onde vais? poremontou o policia admirado.

— Ao cemiterio de Westminster. Vou procurar todos os monumentos de Giacomo Diabelli, nota-lhos cuidadosamente, e esta noite, quando os canahs apparecerem, cair-nos-hão nas mãos.

— Se isso te pôde tranquilizar, vai! Pobre rapaz! acrescentou depois de ele se ter afastado.

do, vais ficar atrapalhado deveras quando te achares nesse imenso cemitério! Emfim, a idéa não é má. Bastará um pouco de sorte...

Os cantores negros

A noite escura, o céu ameaçando tempestade eram propícios aos empreendimentos tenebrosos. Sherlock Holmes dirigia-se com Harry para o cemitério de Westminster ao anoitecer e deixara-se fechar lá dentro. Ambos estavam cuidadosamente disfarçados, receando que o negro Maori e o seu cúmplice os reconhecessem. O polícia encarara a situação como tactico consumado. Num certo local, o sólo um pouco elevado tornava facil transpor o muro; havia ali um jazigo. Era uma especie de capela com uma porta de ferro ricamente ornamentada. Foi para aí que Sherlock Holmes e o seu discipulo se dirigiram. Deslizando com precaução de tumulo para tumulo de monumento para monumento, para não serem vistos pelos dois cúmplices, que tambem se deviam achar de sentinela, chegaram junto do jazigo. Com uma chave falsa engenhosamente fabricada, Sherlock Holmes abria a porta. Os dois homens entraram. Estavam aí em segurança. O jazigo tinha a fórma de uma capela, sob a qual havia o subterraneo que servia de sepultura. Os dois policias estavam ali ao abrigo da tempestade que se desencadeara. A porta de grade permitia-lhes prescruitar o vasto campo de repouso que se estendia á frente.

—Ou me engano muito, declarou o polícia ao mancebo, ou os dois patifes hão de passar por aqui. Não podíamos ter encontrado um local melhor para os agarrar. Quantos monumentos de Diabelli contaste?

—Quarenta e cinco.

—Ser-lhes-ia preciso uma grande sorte para depararem logo com o preciso, supondo todavia que não tenham arrancado a Zaire o seu segredo.

O tempo cada vez estava pior. De subito, Harry estremeceu, como se pisasse um reptil.

—Uma luz! murmurou com a voz tremula, Segue de tumulo para tumulo... Ei-la que se afasta... é cada vez mais pequena... desaparece.

Sherlock Holmes encostara a fronte á grade e seguia coia grande atenção os movimentos da luz. Quando desapareceu, respirou.

—Procuram o tesouro, murmurou o polícia. Ainda não descobriram o verdadeiro monumento. Com a lanterna electrica, lêem a assinatura que cada escultor coloca na sua obra. E' o que explica a marcha vacillante da luz.

Esta reapareceu subitamente. Parecia imóvel.

—Descobriram um novo monumento de Diabelli, disse Sherlock Holmes.

Em seguida ouviram um grande ruido.

—Acabam de o deitar abaixo. Vamos, Harry, o revolver em punho, e para a frente! Encon-

traram talvez o verdadeiro e procuram o tesouro. Para a frente, direitos á luz!

Sherlock Holmes seguiu com tanta pressa quanto lhe permitiam a escuridão e o estreito espaço entre os tumulos. Ainda que a luz estivesse bastante longe deles, a distancia diminuia a cada passo.

—Os patifes teem uma lanterna de furta-fogo. Eis porque a luz desaparece de quando em quando, murmurou o polícia ao ouvido de Harry.

Achavam-se apenas a uma distancia de cincoenta passos do misterioso tumulo. Viam duas sombras moverem-se á luz da lanterna.

—Continuam a procurar os bandidos, murmurou Harry.

De repente, os dois policias pararam como que fascinados pela surpresa e pelo susto. Ouviram um grito de alegria selvagem que os bandidos soltaram ao mesmo tempo.

—Descobriram o tesouro! disse o polícia. Para a frente, Harry, para a frente! Precisamos seguir-los para encontrarmos Zaire. Não voltarão aqui, e nunca mais a veremos!

Iam seguir os miseraveis quando se ergueram na sua frente quatro homens, gritando:

—Alto, patifes! Até que enfim os apanhamos, vampiros!

E os nossos dois amigos viram-se presos por braços vigorosos, que os atiraram ao solo.

—Deixem-nos! gritou Harry. Aqueles que procuram ainda se vêem daqui correndo.

Respondeu-lhe uma gargalhada.

—Obrigado, meu 'pequeno, vá contar essa historia a quem quizer! Tragam a lanterna, camaradas, vamos ver com quem lidamos.

Um deles, o que tinha agarrado Sherlock Holmes e lhe apertara de tal modo o pescoço que o polícia tinha o rosto arroxeadado, aproximou a lanterna.

—Deus todo poderoso, gritou o homem, é o sr. Holmes!

—Sim! gemeu este, esfregando o pescoço dorido, sou eu! Ah! acaba de fazer um bonito serviço! A cincoenta passos daqui, os criminosos acabam de derrubar um terceiro monumento, e atirem-se a nós e quasi que nos estrangulem! Vamos, corram atrás daquela luz, e vejam o que podem salvar.

Os policias não quizeram ouvir mais nada. Correram para o lugar designado. Harry quiz segui-los. Mas o polícia segurou-o com toda a força.

—Alto! gritou-lhe o mestre. Quem sabe se os miseraveis não estão á espreita? Ouviram este grande ruido, assim como o meu nome que aquele imbecil gritou em voz alta. Julgas que iam colocar aquela lanterna de modo a serem vistos a cem metros de distancia?

—Uma cilada! então, murmurou Harry, tirando o revolver do cinto.

—E nada tola. Se esses danados policiaes, que nos roubaram a nossa presa, não tomarem cuidado, vão receber algumas ameixas e mais depressa do que pensam.

Neste momento, de um silvado situado a uns vinte metros da lanterna, jorrou um clarão. Ouviu-se um tiro ao qual respondeu um grito.

—Eis uma bala que me era destinada, declarou o policia. Os bandidos bem sabiam que eu zelava os interesses de Zaire. Esperemos que a pobre pequena não soffresse muito com tudo isto.

Um dos policiaes recebera uma bala num braço.

—Para a outra vez, hão de deixar-me o cuidado de me apoderar dos criminosos sem o seu auxilio, pensou Sherlock Holmes vendo o homem caír gemendo. Arranjo-me melhor do que eles.

E apagando, por precaução a lanterna, dirigiu-se para o ponto onde resoára o tiro. Não encontrou ninguém. Os patifes tinham fugido. O policia foi então examinar o monumento. Fôra uma estatua de marmore que rolara para o sólo. Examinou cuidadosamente o soco da estatua. Tinha sido levemente erguido do sólo.

—Olha para o logar que esteve coberto até agora com o pedestal, disse Sherlock Holmes ao seu discipulo.

Harry inclinou-se. Inspecionou minuciosamente o ponto indicado, e ergueu-se suspirando.

—Está aqui exactamente o logar de um cofre; disse o mancebo. Não pôde haver duvidas a este respeito. Era o esconderijo do tesouro do velho negociante de escravos!

—E' essa a minha opinião. Esta estatua encontra-se numa extremidade d'este immenso cemiterio. Devia ser a unica, quando Firmont ocultou ali o tesouro. Fez um buraco na terra debaixo do soco, com a largura sufficiente para colocar ali o cofre das joias, depois tapou-o. Tinha assim a certeza, que ninguém encontraria o seu tesouro.

—Não vamos em perseguição desses bandidos? perguntou Harry.

—Não, meu filho, está acabado. No meio desta escuridão apenas conseguiríamos apanhar algum tiro. Esta noite, nada mais temos a fazer. O tesouro escapou-nos definitivamente.

.....

Mortlake é uma localidade fóra das portas de Londres, que não fica muito afastado do distrito policial da capital. Contudo, quem ali vai julga-se fóra da Europa. Por toda a parte, só se veem negros. E' um local universalmente desprezado. Só o negro que ali vive no meio dos seus semelhantes, sem ser considerado como um cão que é bem tratado pelos donos dos hoteis negros como ele, se compraz naquele sitio. Marinheiros negros, vindos da America ou dos outros continentes, da passagem em Inglaterra tendo fixado residencia em Londres, refugiaram-se ali. Todos os dias, vão ao porto, onde

trabalham penosamente nas docas. Chegada a noite, toda aquella gente de côr volta para Mortlake: os trabalhadores, para gastarem nas tabernas o dinheiro que tem nas algibeiras, os mandriões para viverem á custa dos da sua raça. Em todas as tabernas ouvem-se canções de negros, acompanhados quasi sempre pela guitarra. Ha pequenas orquestras de negros, e tambem artistas que de noite, correm todas as tabernas. Se entre eles se encontra alguma mulher, é certo que dança o *cake-walk*. Tenha o leitor a bondade de seguir connosco um par que acaba de desaparecer num dos cafés mais afreguesados. O homem veste uma casaca velha cujas abas lhe batem nos tacões. Tem um enorme chapéu alto cinzento. Debaixo do braço levava um violino. A mulher usa um vestido em quadrados encarnados e verdes. O chapéu é extraordinario, enfeitado com uma duzia de plumas e tantas flores que o tornam um verdadeiro jardim.

Os dois musicos são acolhidos com gritaria.

—Senhoras e cavalheiros, começou o homem, um momento de benevola atenção para o tio Tom e sua sobrinha Jenny.

—Viva o tio Tom! gritou um negro embriagado.

—Que desejam ouvir as graciosas senhoras e os nobres cavalheiros? Vimos directamente dos Estados-Unidos!

—O «*Yankee doodle*», gritou meia duzia de negros.

—Bem, senhoras e senhores. Vão ouvir o canto nacional da sua patria, tal como se canta nos salões considerados, nos jantares da quinta avenida. Minha sobrinha, que foi a estrela mais estimada da Opera de S. Francisco, veio expressamente á Inglaterra para fazer ouvir n'este país o «*Yankee doodle*.»

—Viva a bela Jenny! gritou o mesmo negro. Jenny respondeu a esta homenagem com uma timida reverencia, mas enguliu de um trago o grog que lhe apresentaram. O tio Tom pôs o violino sob o queixo e executou a modo de preludio uma dança de pretos que alegrou tanto os assistentes que começaram a cantar a melodia em côro e mandaram de seguida pôr sete grogs deante dos artistas.

—E agora atenção, vamos ao «*Yankee doodle*! O violino atacou o estribilho. Jenny começou a cantar: dir-se-ia o pregão de uma vendedeira de fruta. *Yankee doodle, tippe tape, Yankee doodle dandy*. O entusiasmo foi extraordinario, e tornou-se mais intenso a cada verso d'aquelle canto barbaro. Mas a voz de Jenny causava arrepios, pelos mezos aos ouvidos europeus. Nenhum dos ouvintes se formalizou. Bem pelo contrario: quanto mais a voz se tornava desagradavel e desafinada, mais aquele auditorio de ebrios aplaudia.

—E agora, atenção. Começa o *Cake-walk*.

Muito satisfeitos os assistentes calaram-se.

Jenny começou a famosa dansa. Fazia realmente gosto vê-la. Por fim, cansada deixou-se cair sobre uma cadeira logo que terminou. Enguliu a seguir três grogs que lhe foram oferecidos por alguns jovens negros, depois, provavelmente para evitar que lhe esfriasse o estômago, três copinhos de rum. O tio Tom, que ao contrario da sobrinha, parecia muito sobrio, pegou de novo no violino e recomeçou a tocar. Era uma velha melodia dos pretos. Muitos d'aquelles que o escutavam haviam sido embalados pelas mães aos sons d'aquelle canto suave. Por isso tudo emudeceu de repente, e a muscia foi acompanhada, timidamente, e em surdina, pelo côro das vozes. Entretanto, Jenny sem se importar com o tio Tom, permitia, sem o minimo pudor, algumas familiaridades aos jovens negros que a rodeiavam. Deixou-se abraçar e permitiu alguns beijos sobre as suas fessas rechonchudas. Mas, um dos admiradores quiz ir mais longe. Pegou-lhe nos braços e queria beijar os labios vermelhos e grossos. A vigorosa negra deu-lhe um tal murro que o fêz rolar pelo sólo. O velho Tom não se assustou com semelhantes bagatelas. De vez em quando, lançava um olhar penetrante sobre aqueles que o cercavam. E as melodias saiam umas atrás das outras do seu violino magico. De repente, deu uma nota desafinada, cessou bruscamente de tocar, depois de ter lançado á sobrinha um olhar expressivo.

—Senhores e senhoras, declarou, agradecendo-lhes a benevola atenção com que nos escutaram.

Os negros procuraram nas algibeiras algum troco para atirarem ao chapéu do violinista, como é uso. Mas já este tinha saído do estabelecimento, seguido pela sobrinha. Caminharam, em silencio, durante algum tempo.

—Então, Harry, que soubeste?

—Tudo o queríamos saber; mestre.

—Tens conhecimento do domicilio de Maori? perguntou Sherlock Holmes.

—*All right!* mestre. Reside, como todos supõem, aqui mesmo, em Mortlake, n'uma casa isolada na estrada de Leithershire.

E poder-se-há encontrá-lo lá hoje?

—Não, ha dois dias que o não vêem. Quanto ao seu companheiro branco nenhum o viu. Ou está occulto n'essa casa ou talvez resida em Londres.

—E Zaire?

—Não foi vista por pessoa alguma. Mas, isso não quer dizer nada, prosseguiu o mancebo com desespero, Maori deve tê-la occulto em sua casa.

Sherlock Holmes encolheu os hombros.

—Quem pode saber o que se passa n'uma alma negra, como a de Maori? pensou o policia.

Pif d'Azur

—A minha opinião é que nos apoderemos immediatamente do bandido negro começou Harry. Já lá vamos, meu caro Harry, tornou o policia. Este caminho conduz á casa isolada que ele habita e que conheço muito bem. Tocarei defronte da habitação. Talvez consigamos lá entrar, ou, pelo menos, obtermos a certeza de que Maori aí se encontra. N'este caso, não sei ainda o que faremos, as circunstancias é que nos hão de dictar o nosso procedimento.

—Harry rangeu os dentes.

—Não voltarei para casa sem Zaire, murmurou ele, ainda que tenha que matar ambos os patifes.

—Paciencia! paciencia! interrompeu o policia. Reflete que os nossos adversários são inimigos muito circumpsectos, que sabem perfeitamente que jogam a cabeça na aventura e que, se não tomarmos todas as precauções podem bem mandar um de nós para o outro mundo. Os dois policia tinham chegado perto da casa. Ameaçava ruína e parecia abandonada. A porta estava fechada. Nas janelas não se via luz. Não se ouvia o minimo ruido.

—Isto não me parece que dê grandes resultados, murmurou o policia. Em todo o caso tentemos. Foi postar-se no meio da rua. Primeiro, em tom baixo, depois mais fortes, os acentos do seu instrumento subiram até ás janelas sombrias. Não se ouviu cousa alguma. As janelas não se abriram. Não se viu, rosto nenhum junto dos vidros pouco limpos. Então, Sherlock Holmes tirou do seu instrumento uma d'essas melodias, a que nenhum coração de negro pode resistir uma dessas canções melancolicas do genero d'aquella que tanto comovera os fregueses do café onde tocara. Esperou ainda um momento. Não appareceu ninguém.

—E' tempo perdido! disse baixinho a Harry, Maori e os seus amigos partiram. Os meus presentimentos eram exactos. Safaram-se com o tesouro.

—E Zaire? perguntou Harry cheio de impaciencia.

—Levaram-na!

Holmes lançou um olhar persculturador á casa. Estava mergulhada no silencio. Preparou-se então para partir.

—Desejava bem ver o interior desta possilga, disse Harry hesitando em segui-lo.

—Tens razão, meu filho, tambem pensei nisso. Talvez achemos aí algum indicio que nos dê a saber se deixaram definitivamente a casa, ou para onde fugiram.

Avançaram prudentemente até á porta. A chave falsa de Sherlock Holmes não fez o minimo ruido, abrindo-a. Entraram, contendo a res-

piração. Não ouviram o mais pequeno barulho nem no rez do chão, nem no primeiro andar. Muito resoluto, Sherlock Holmes entrou na casa e acendeu a lampada eléctrica. Deparou com um quarto miseravelmente mobilado e num estado extraordinário de desordem. No aposento contíguo a mesma cousa. Por toda a parte roupa espalhada como se o dono tivesse feito uma escolha antes de partir.

—Safaram-se, disse Sherlock Holmes designando a roupa velha.

—E Zaíre estava aqui, retrucou Harry apanhando um pentesinho que vira na cabeça da jovem.

—Se podessemos encontrar algum vestígio da fuga e do itinerário que seguiram? exclamou o polícia. Que diabo! o avanço afinal não é muito grande. Ha vinte e quatro horas ainda estavam no cemitério de Westminster. Só poderiam partir ha doze horas, de manhã certamente, para alcançarem o continente. A terra mais proxima é a França. Depois de ter acabado com os seus negocios, Firmont que é de origem francesa, residiu algum tempo nesse país. Não é impossível que Maori tambem ali tivesse estado. Talvez que Firmont de lá saísse para escapar ás perseguições do negro.

Uma busca nos andares superiores não deu resultado nenhum. Não havia vestígios dos fugitivos.

—Temos ainda o subterraneo, disse Harry Taxon. Mas creio que escusamos de lá ir.

—Vamos por descargo de consciencia, retorquiu o polícia.

Desceram a escada de degraus carcomidos. Fustigou-lhes os rostos uma corrente de ar humido e nauseabundo. De subito, quando chegaram ao ultimo degrau, quedaram-se como que petrificados.

—Dir-se-ia um gemido, murmurou o polícia.

Ambos prestaram ouvido atento.

—Não ha duvida. Ha aqui um homem ou um animal que necessita do nosso auxilio, disse Sherlock Holmes em voz alta.

Ergueu a lanterna e penetrou no subterraneo onde se ouvia gemidos.

—Está ali! proferiu Harry, designando um objecto estendido no sólo.

Precipitaram-se ambos para aquele ponto.

Harry soltou uma exclamação de assombro.

—E' o falso polícia que recebeu Zaíre em Scotland Yard!

O homem estava deitado no sólo humido, com os pés atados, as mãos presas atraz das costas, e amordaçado. Em volta do pescoço via-se uma corda solidamente presa a uma argola e os pés estavam amarrados a uma porta. Ao mais pequeno movimento, o desgraçado corria o perigo de ficar estrangulado. Esse homem, deitado naquela horrorosa posição sobre as pe-

dras humidas, devia ter sofrido um martírio. Sherlock Holmes cortou prontamente as cordas e soltou o desgraçado. Mal respirava. Sáfalhe dos labios um fraco gemido. Parecia morto.

—Agua, depressa agua, Harry! Ainda aqui tenho um pouco de cognac. Vamos tentar o impossivel para reanimar este homem. Conhece todos os segredos que dizem respeito a Maori e a Zaíre.

Harry correu a procurar agua. O nome de Zaíre dava-lhe azas. Passados minutos, voltava com um balde de agua.

—Levanta-o um pouco, ordenou o polícia, para lhe fazer engulir algumas gotas.

O homem mal pde engulir. Tinha a garganta completamente seca. O liquido correu difficilmente para o esofago. Sherlock Holmes, sem se fatigar, dava-lhe massagens nas articulações dos braços e das pernas para facilitar a circulação. Emfim o desgraçado pde fazer algum movimento.

—E' torçoso leva-lo para cima, para a cama. Parece ter febre e vou atalha-la prontamente. Os dois homens conseguiram a muito custo levar o pesado fardo até ao cimo da escada.

—Agora, Harry, não obstante o traje de negro vais correr a casa e preparas a minha mala de mão. Antes disso, descança algum tempo. Não ha nada a fazer antes de amanhã ao meio dia. Quanto ao homem, vai cair num sono profundo e só amanhã póde dizer alguma cousa.

—E o senhor? perguntou Harry solícito.

Sherlock Holmes designou uma cadeira junto do leito onde haviam deposto o doente.

—Se me acudir o sono, dormirei ali sentado. De resto, nada tenho a temer, porque Maori infelizmente não voltará aqui. E o outro, está muito fraco para me poder fazer mal.

Harry Taxon correu para a rua, para tentar apanhar ainda o ultimo comboio que o levaria ao centro de Londres. Se o perdesse, tinha diante de si a perspectiva de uma caminhada de duas ou três horas em plena noite, o que era destituido de encanto, principalmente com aquele traje. Mas a sorte foi-lhe propicia. No momento em que chegava á gare, apparecia o comboio. Como previra Sherlock Holmes, o doente voltou a si de manhã. Olhou em volta do quarto.

—O sr. Holmes! murmurou muito admirado, como se não podesse acreditar no que via.

Acudiu-lhe então á memoria a terrivel situação em que encontrara.

—Sente-se agora bem? perguntou o polícia.

—Sim, retorquiu o bandido. Foi o senhor que me salvou?

—Afim de o recompensar de me levar Zaíre.

O rosto do homem tornou-se sombrio.

—Não podia proceder de outro modo. Maori tinha-me por completo em seu poder.

—Encontraram então a noite passada o tesouro do velho Firmont no cemitério de Westminster? perguntou Sherlock Holmes.

O outro hesitou um momento.

—Sim, acabou por confessar, e que o diabo o leve!

—Maori levou o tesouro e deixou-o neste belo estado?

O doente rangeu os dentes.

—Ha de pagar-me, sr. Holmes! Diga-me, ainda não me reconheceu?

—Oh! sim, redarguiu o polícia com um sorriso zombeteiro. E' Jack Brow, conhecido por Pif d'Azur, por causa do seu nariz de bebado. Foi condenado por roubo por meio de arrombamento.

—E' isso mesmo. Pois bem! o senhor procura o tesouro e a negra, que estão ambos nas mãos de Maori. Quer fazer um negocio comigo, dividindo ao meio o beneficio?

—Não digo que não. Mas qual é a sua parte?

—Guardo Maori para mim. Leve a pequena. Se lhe acontecer encontrar o tesouro, dar-me-ha o que quiser. Basta-me o preciso para me embriagar dois dias!

—Não podes renunciar a beber?

—Não, sr. Holmes, não posso, nem mesmo quero. Fui dono de um restaurante. Tive casa minha, mulher e filhos. A bebida levou-me tudo. Fui descendo cada vez mais e cheguei a isto! Não tem aí uma gota de whisky? Morro de sede!

Sherlock Holmes misturou agua com cognac e deu o copo ao ebrio, que esvaseou o conteúdo de uma vez.

—Ah! obrigado, mil vezes obrigado, senhor Holmes! E' um pouco doce, mas refrescou-me ainda assim. Na verdade, não era em si que pensava, quando procurava uma taboa de salvação. Mas, creia-me, Pif d'Azur sabe ser reconhecido. Que quer saber agora? Interrogue-me!

—Como se arranjou o negro para o deixar preso como o encontrei?

—Embrigou-me como um porco, salvo o devido respeito, sr. Holmes. Foi quando entramos em accordo sobre a partilha das joias e da pequena. Ele queria a pequena e deixava-me a maior parte dos brilhantes. Depois bebemos até eu cair para o chão. Oh! certamente deitou alguma droga na aguardente, sem o que...

—Mas porque o não matou ele, como fez ao velho Firmont?

—Porque é supersticioso. Não quer matar, mas faz morrer de outro modo. Ao velho Firmont, apresentou uma flecha envenenada. O velho picou-se... e pronto! A mim, ligou-me os pés e as mãos. Assim, deixou-me vivo, nunca teria ousado assassinar-me. Como lhe digo, tem uma consciencia que ele lá entende. Mas agora ha-de haver-se comigo, eu é que não tenho consciencia.

—Entretanto, onde está actualmente?

—Em Paris.

—Já quer vender as joias?

—Ainda não. Ele bem sabe que o senhor lhe anda no encaço, e receia que previna a policia parisiense. Eis porque quer esconder as joias e só tratará de as vender quando não houver perigo.

—E o esconderijo, conhece-o?

—Se conheço! Já ouvi falar das catacumbas onde enterravam os mortos ha muitos seculos?

—Sim, bem sei. Mas, segundo ouvi dizer, todo aquele que aí se introduz perde-se naquele labirinto de galerias que se cruzam e entrecruzam até ao infinito. Taparam a entrada.

Pif d'Azur deu uma gargalhada.

—Sim, é o que dizem os policiaes, tornou ele com misterio; e tambem não sabem mais do que isso. Contudo existem duas entradas.

—Ignorava-o, confessou o policia; raras vezes tenho ido a Paris e nunca tive ocasião de visitar as catacumbas.

—Não duvido. Pois escute! A policia parisiense conhece uma dessas entradas. E' em pleno campo, num sitio deserto. Conduz a uma pequena parte das galerias, que nesse ponto não tem por teto senão o céu. Esse buraco tem vinte ou trinta metros de profundidade. Para lá chegar, é necessario descer por uma corda. Fizeram uma solidia estacada em volta do buraco, para que não sucedam desastres. Não entra por ali ninguém se quer arriscar a cabeça.

—E a outra entrada? insistiu Sherlock Holmes.

Pif d'Azur hesitou... Abanou a cabeça... Por fim, disse:

—Ora! isto não tem importancia. Desde que quero vingar-me de Maori e estou de accordo consigo, posso dizer-lhe tudo. Conhece a barreira do Inferno?

—Conheço!

—Pois bem! Ha até um predio velho, isolado, como este, desviado da estrada e frequentado por um publico que teme a claridade do dia. E' essa a entrada antiga das catacumbas. Foi condenada, é certo. Mas aqueles que frequentam esse antro, abriram-no secretamente. Eu, que lhe estou falando, estive nos subterraneos, e poderia contar-lhe cousas espantosas a respeito do que ali se vê. Nas galerias, os caixões estão uns em cima dos outros, meio arrombados, de sorte que os esqueletos jazem por toda a parte: aqui uma cabeça, ali uma perna, um braço... Foi nesse local que ele fez o esconderijo.

Sherlock Holmes reflectiu um momento.

—Acredito-o, disse em seguida. Maori julgou certamente que nunca saíria daqui vivo, de outro modo não lhe teria descrito tão exactamente o lugar onde se acha o tesouro.

—Perfeitamente e quero desde já aproveitar a sorte que tive.

E que quer ele fazer de Zaire, a pobre pe-

quena? Que interesse teve em leva-la consigo?

Pif d'Azur inclinou-se para o policia e murmurou-lhe ao ouvido:

—E' gentil a rapariga! Pensou que no mercado de Paris seria cotada por bom preço!

Sherlock Holmes deu um pulo, como se uma vibora o tivesse mordido.

—Que monstro com figura humana! proferiu no cumulo do desespero. E quando poderás pôr-te a caminho, Jack?

—Eu? dê-me aguardente em quantidade sufficiente, e ao meio dia estarei na coberta do *Steamer*, redarguiu rindo o incorrigivel ebrio.

—Seja! O fim justifica os meios. Dorme ainda um pouco. Oço os passos do meu discipulo. Nem uma palavra diante dele a respeito da rapariga, está entendido?

—*All right, sir!*

F. Pif d'Azur, voltando-se para a parede, adormeceu socegradamente.

O trafico das brancas

Num aposento ricamente mobilado da rua Antoinette, em Paris, encontrava-se um cavalheiro de meia idade, vestindo um sumptuoso pijama. Dava a impressão de um bom durgues. Na porta havia uma placa com o seguinte: «Jules Lamarque, professor de canto.»

—Os negocios vão mal, monologava ele. Tenho a casa cheia de mercadoria, e é-me impossivel collocar-na na provincia. A policia vigia-me. Como diabo poude ella intrometer-se nos meus negociosinhos?

Tocou a campainha.

—Ah! ah! parece que começam a chegar. Em todo o caso, tratemos do sistema de segurança. Póde ser a policia...

Carregou no botão de uma campainha electrica. Logo depois, no quarto contiguo, ouviu-se uma voz de mulher entoando com bastante talento uma cavatina de opera. O professor era todo ouvidos. Parecia não ter notado que a criada introduzira na sala um cavalheiro de estatura elevada.

—Bravo, bravissimo! exclamou depois da ultima nota. Tem feito progressos, minha filha. Daqui a oito dias, poderá fazer-se ouvir.

A visita tossiu. O mesire de canto pareceu voltar á realidade.

—Ah! disse ele, voltando-se para o cavalheiro, quem é?

—O marquez de Montrosa, disse este apresentando-se.

—Senhor marquez, tenho muita honra em conhece-lo. A que feliz circumstancia devo a honra?

—Não sei, senhor professor, se ainda se recorda de mim. Tive o gosto de o conhecer ha alguns anos, no café Real, graças ao adido á embaixada da Turquia.

—Com effeito, tive negocios com ele.

—Nesse caso, senhor professor, deve lembrar-se de mim.

O sr. Lamarque fitou o marquez com certo receio.

—Mas ainda não sei, senhor marquez, tornou hesitando, o que vale a honra...

—Estou aqui, senhor professor, por causa de uma jovem...

O professor recuou um passo e examinou de frente erguida o marquez, que o fitava muito tranquillamente.

—Mas... mas por quem me toma? gritou indignado.

—Pelo «suposto» professor Lamarque.

—«Suposto» professor? Mas, senhor marquez, em que pensa? Ignora que educo gratuitamente jovens com talento e que teem saído da minha casa cantoras celebres...

—E que, meu caro professor, as mandou para o estrangeiro, sob pretexto de tournée artistica, mas na realidade para as entregar á prostituição...

O professor tornara-se branco. Tinha os olhos muito abertos e não conseguia articular um som.

—Vê portanto o meu professor, que faria bem deixando caír a mascara de professor de musica, e mostrando-se tal como é na realidade, quer dizer, um traficante de carne humana!

O sr. Lamarque desatou a gravata que parecia estrangulalo.

—Não sei, balbuciou, o que devo pensar a seu respeito...

O marquez, sorrindo, brincava com o monoculo e divertia-se muito com a angustia do professor.

—Vamos, meu velho amigo, disse-lhe familiarmente, acalme-se! Longe de mim o pensamento de lhe causar qualquer dissabor. Lembra-se das duas pequenas que enviou um dia ao palacete, bem situado mas tambem bem isolado, de certo milionario, sob pretexto de lhe fazer cantar um dueto numa reunião, mas que...

—Basta, interrompeu o professor. Peço-lhe que me informe dos seus desejos, senhor marquez. No que diz respeito á minha gratificação, falaremos depois...

O marquez escutou em silencio. Encolheu os ombros.

Nada disse me elucida sobre o que desejo respondeu num tom de aborrecimento. Quero alguma cousa nova, uma estrangeira... Sabe que estou já um pouco cansado. Não desejava positivamente uma negra, mas alguma cousa que se lhe aproximasse. Compreende com certeza o que me convem.

—Sim! sim! murmurou o professor muito pensativo... Fizeram-me ontem uma proposta... Infelizmente, recusei-a, mas sei onde mora a pessoa de quem se trata. Ver-se-ha...

—Ora vamos, conte-me isso, disse o marquez vivamente interessado.

—E' segundo parece uma rapariga de beleza pouco vulgar, tornou o professor em voz baixa, uma mulata, filha de branco e de mulata. Tem o temperamento quente dessas raças exóticas.

—Ora! retorquiu o marquez, quem sabe onde a foram buscar!

O professor fez um gesto de protesto.

—Ah! não, o homem que ma ofereceu é meu conhecido ha muito tempo. Tenho tratado com ele negocios difíceis. Tudo me leva a crer que desta vez me diz a verdade. Teriamos certamente feito negocio, mas o negro pede-me um preço tão elevado!

O marquez reflectiu um instante.

—Parece-me que chegaremos a accordo. Mandar vir a mulata. O preço é-me indifferente. Quando m'a apresenta?

—Venha amanhã á noite. Até lá, espero entender-me com o negro.

—Está bem, Fio-me em si, meu caro professor.

E o elegante cavalheiro saíu. Estava certo que o «suposto» professor o seguia com a vista. Assestou o monoculo e olhou para o cimo da rua, para vêr se passava algum trem. Se tivesse olhado para o lado oposto, teria visto alguém cuja presença ali bastante o surpreenderia, e que teria certamente experimentado o mesmo assombro vendo-o. Mas passava uma carruagem, mandou parar e instalou-se.

—Maldito patife! murmurou. Pif d'Azur disse-me a verdade: já propoz a Lemarque a venda de Zaíre. Felizmente que procurei a tempo o intermediario.

Sherlock Holmes,—pois adivinharam-no certamente no elegante marquez—apeou-se da carruagem á esquina de uma rua e foi para casa a pé.

—Pif d'Azur já voltou? perguntou a Harry.

—Não, sr. Holmes. Desde manhã, que corre os velhos bairros onde Maori tem residido, para lhe encontrar a pista.

—Presta-nos um grande serviço, com a sua sêde de vingança, replicou o policia pensativo. Sem ele, nunca teria encontrado esse negociante de carne humana, graças ao qual conseguirei encontrar Zaíre.

Muito surpreendido e contente, Harry deu um pulo na cadeira. Quiz responder, mas a porta abriu-se bruscamente e Pif d'Azur entrou como um furacão, completamente desorientado e quasi sem poder respirar.

—Que succedeu? perguntou Sherlock Holmes admirado.

—Venho busca-lo: vai succeder uma desgraça se não acudir depressa.

Enquanto dizia estas palavras, correu para a garrafa de aguardente que estava sobre um movel e bebeu metade do seu conteúdo.

—Ah! estou melhor! Um pouco de paciência vão já saber tudo. Descobri a morada de Maori. Zaíre está com ele. Ainda não saíu senão uma vez. Creio que foi a casa de Lemarque, o negociante de carne humana. Hoje, estive uma hora de sentinela em frente da sua residencia. Queria saber se já tinha o tesouro nas catacumbas.

Ha justamente uma hora, saíu. Segui-o. Foi a casa do seu cumplice, Lemarque. La tocar, quando ouviu passos. Não ousou e occultou-se numa porta, sem perder a casa de vista. Foi então que o sr. Holmes saíu. Se tivesse olhado para o lado oposto da rua, te-lo-ia visto...

—E depois, o que succedeu? perguntou o policia impaciente. Reconheceu-me?

—Sem duvida, porque logo que o sr. Holmes subiu para a carruagem, foi caminhando de tal maneira que parecia um doido furioso. Certamente renunciou ao seu plano, de entregar Zaíre por uma quantia elevada. Recceia uma emboscada.

—E que fez ele depois? perguntou Harry, enquanto Pif d'Azur acabava o conteúdo da garrafa.

—Andou um momento de um lado para o outro, como se hesitasse na resolução que ia tomar. Depois decidiu-se e voltou para casa.

—E julga que se prepara alguma cousa contra Zaíre? perguntou Sherlock Holmes.

—Certamente. A pequena estorva-o. Já não pôde entrega-la a Lemarque. Tentará postanto desembaraçar-se dela de outra maneira.

—Mas não declarou já que o negro não é capaz de cometer um assassinio porque é supersticioso, notou Harry.

—Não a matará, mas far-lhe-ha qualquer cousa semelhante á que fez comigo.

Sherlock Holmes tinha despedido o seu elegante traje, e disfarçava-se em moço de fretes.

—A' morada do patife negro, depressa! perguntou a Pif d'Azur.

—Rua de Montebelo, 13.

—Bem! Fiquem aqui ambos para o vigiarem mais tarde. Hoje, encarrego-me eu dele!

O policia sabia que a salvação da jovem dependia da sua rapida intervenção. Se encontrasse o negro, apoderar-se-ia dele? Deveria matar como um cão esse scelerado, que escapava havia tanto tempo á justiça dos homens? Não, não faria tal. As catacumbas eram vastas, estendiam-se por muitos milhares de metros sob o sólo. Maori tinha muito provavelmente escondido as joas num lugar que só ele conhecia. Se morresse, levaria consigo o seu segredo. Mas então, como havia de arrancar-lhe a jovem? Enquanto fazia estas reflexões, chegara á rua de Montebelo, junto da casa onde residia Maori. De repente estremeceu. Saíam justamente da casa um homem e uma mulher. O homem era um negro. A mulher, parecia cambalear e en-

costava-se ao braço do companheiro. Eram eles, Maori e Zaíre. O negro caminhava apressado. Sherlock Holmes adivinhou logo que iam ao Jardim das Plantas. Escurcia. O policia seguia-o a custo por entre a multidão. Ambos passaram sob a abobada que conduz ao jardim. Maori arrastava Zaíre para o lado onde se achavam os animais ferozes. Num canto escuro do jardim encontra-se a jaula dos ursos polares, que é descoberta. Por meio de uma escada, chega-se a uma plataforma, por onde se vêem aqueles horribéis animais. Sherlock Holmes viu-os parar diante da jaula dos ursos. Passados momentos tinham desaparecido. O policia sentiu uma angustia terrível. Era noite. Sherlock Holmes quiz alcançar outro ponto de onde pudessem observar Maori. Ouviu passos. Descia um homem da plataforma. Ocultou-se por detraz de uma arvore e escutou, contendo a respiração. A pessoa que descia a escada tinha chegado a baixo. Passou junto do policia, apressando o passo e dirigindo-se para a saída. Gelou-se-lhe o sangue nas veias. Era Maori que passava junto dele. Onde ficara Zaíre? Maori deixara-a ficar na plataforma, que era apenas cercada por uma ligeira balaustrada? O policia subiu rapidamente a escada de pedra. Quasi que gritou de susto. Mesmo á borda da plataforma, com a cabeça metida por uma abertura da balaustrada e pendente sobre a jaula aberta, Zaíre dormia profundamente. Um movimento, um só, e caía sendo imediatamente devorada pelas feras. Sherlock Holmes conteve a respiração com medo de despertar a iovem. Abaixou-se com o maior cuidado, foi de rastos até junto dela, pegou-lhe no pé e puxou-a lentamente. Estava salva! Ergueu-a então afim de tentar acorda-la. Trabalho perdido! O negro dera-lhe um violento narcotico, que ainda fazia efeito. Não restava ao policia outro recurso senão leva-la nos braços. Mas ocorreu-lhe uma idéa. Certamente o negro estava occulto ali perto e esperava o resultado da sua obra. Sherlock Holmes depressa tomou uma decisão. Agarrou uma grande pedra e atirou-a com toda a força a um urso enorme que dormitava socegradamente, e cuja sombra branca se destacava na escuridão. Resoou um rugido terrível, que o policia acompanhou com um grito agudo e estridente. Escutou. Ouviu ruído de passos. Não havia duvida possivel. Maori, julgando Zaíre na jaula, afastava-se.

—Até que livre! a pobre pequena das suas garras, murmurou Sherlock Holmes.

Perdido nas catacumbas

Pouco distante da barreira do Inferno, num terreno inculto, andava um homem de um lado para o outro, como que perdido.

—Que o diabo me leve! murmurou. Não sei onde estou. Deve haver aqui uma casa isolada, e não obstante a minha excelente vista, nada vejo. Aquele Pif d'Azur apanhou tal bebedeira pela reaparição de Zaíre, que não se levantará antes de vinte e quatro horas. Mas que é isto?

Ouviu um barulho terrível. Deviam bater-se furiosamente a pouca distancia.

—Socorro! gritava uma voz angustiada.

Sherlock Holmes—pois o passeante perdido era ele—correu para o local da luta. Viu um homem segurando outro e tentando derruba-lo.

—Deixe esse homem! gritou ele.

—Vai para o diabo, se não queres que te mande ter com ele, gritou o agressor, enraivecido.

—Salve-me! salve-me! implorou o outro com a voz sufocada. Quer matar-me!

Um muro terrível atingiu o agressor na cabeça. Cafu como que fulminado. O outro, um rapaz duns vinte anos, ergueu-se então.

—Sem o seu socorro, declarou respirando profundamente, a minha carcassa ia apodrecer ali para baixo, para as catacumbas.

—As catacumbas? perguntou Sherlock Holmes. Ha por aqui alguma entrada?

—Olhe lá para baixo. E' um buraco com vinte ou trinta metros de profundidade. Puzeram uma estacada em volta afim de evitar desastres. Mas isso não teria impedido o meu amigo Roberto, o Costeau, de me atirar para lá.

—Oh! pronunciou Sherlock Holmes. Sinto curiosidade de examinar essas catacumbas.

O rapaz fitou-o com desconfiança.

—Não será por acaso um espião? perguntou.

—Eu? Oh! não! Sou inglês, sou pintor, e desejava conhecer as curiosidades de todos os países.

—Vê-se que é estrangeiro e tambem creio que não pertence á policia. Mas para ver as catacumbas, não temos nada feito. A porta está condenada.

—Bem sei. Mas não ha outra entrada por uma hospedaria?

—Diabo! exclamou o rapaz com visivel espanto, mylord está bem informado!

O rapaz reflectiu um instante.

—Pois bem, salvou-me. Dir-lhe-hei a verdade. E' certo, ha duas entradas: esta, por detraz da estacada, e uma outra na cave do café do «Apache sangrento». Mas o patrão nunca o deixará lá entrar, porque não deixa passar senão os fregueses e é preciso que sejam conhecidos.

—Ha então segredos ali dentro? perguntou Sherlock Holmes com prudencia.

O rapaz aproximou-se do seu salvador.

—Já ouviu falar dos *apaches* de Paris?

—Varias vezes. E' um bando de criminosos admiravelmente organizado...

—E' isso mesmo, mylord. E o dono do café é o chefe. As catacumbas são o deposito de tudo que se rouba, enquanto se espera o momento

favoravel para fazer negocio. Aquele que conhecer as galerias que se entrecruzam ali em baixo, tem ali o seu pequeno esconderijo. Mas não aconselharia a ninguem que fosse para lá passear.

—E porquê? perguntou Sherlock Holmes. Facilmente se deve encontrar o caminho.

—Nunca! Só o principio do subterraneo é que é conhecido. No fim, nunca ninguem poz os pés. Ha uma infinidade de caixões, que foram retirados ha seculos dos antigos cemiterios e postos ali. A's vezes, impedem o caminho de tal modo que é forçoso voltar para traz. E ainda por cima, não se vê nada lá dentro. Ao pé do pogo é claro. Mas não conheço ninguem que fosse até lá. Abandone a sua idéa! E' impossivel!

O policia reflectiu durante um momento. O caso não era facil. Mas uma occasião como aquella não se tornaria a apresentar.

—Ensine-me o meio de penetrar nas catacumbas, indique-me o caminho e dar-lhe-hei trezentos francos, disse ele num tom que não admitia replica.

E puxando a carteira, mostrou três notas. O homem hesitou, mas os olhos tornaram-se-lhe brilhantes de cobiça.

—Primeiro, precisa ter o distintivo dos *apaches*, sem o qual nada se pode fazer!

—Bem, aplique-mo!

O gatuño olhou em volta de si. O seu adversario movera-se.

—Venha; murmurou. Aqui, não estamos em segurança.

Caminharam por terrenos incultos até chegaram a uma especie de barraca de madeira.

—Tem comsigo alguma coisa que pareça ter roubado? perguntou o rapaz em voz baixa.

—Tenho um anel de pouco valor, um relógio de prata, uma bolsa onde posso meter algumas moedas de ouro, retrucou o policia.

—Bem! é quanto basta. Nesta barraca estão alguns colegas de sentinela.

O jovem *apache* assobiou de um modo particular. Responderam-lhe da mesma maneira e a porta abriu-se.

—Quem trazes aí? perguntou uma voz rouca.

—Um novo *apache*, replicou o rapaz.

Sherlock Holmes viu diante de si um homem de aspecto selvagem, cujo rosto vermelho e entumecido traíam a embriaguês inveterada.

—Já trabalhaste? perguntou o homem, que parecia ser um chefe.

Por unica resposta, Sherlock Holmes estendeu a mão, onde estavam o anel, o relógio e a bolsa.

—Ah! bom! um *pick-pocket* declarou o homem.

—Sim, desembarcado de fresco da Inglaterra, e que só deseja trabalhar entre colegas! respondeu o policia, que notou que era o ponto de mira dos olhares de cinco ou seis figurões, sentados na barraca.

—Alphonse, disse o chefe ao rapaz que trou-

xera Sherlock Holmes, respondes-me por ele?

—Com a minha vida. Tirou-me das mãos de Roberto, o Costeau! E' um homem ás direitas!

—Desejava ser apresentado ainda esta noite no «Apache sangrento», continuou Alphonse, lançando a Sherlock Holmes um olhar expressivo.

A perspectiva de uma orgia á custa de outros reanimou subitamente os patifes. Falaram entre si em voz baixa e depois com um tom de chefe.

—Bem! disse este por fim. Admiti-lo-hemos na nossa associação. Estende a mão para receberes o distintivo.

Um dos homens tinha aquecido numa lampada um objecto de metal a tal ponto que não podia segura-lo. O chefe pegou-lhe e encostou-o á palma da mão do policia. Este sentiu uma dôr tão aguda e violenta que teve que apertar os dentes uns contra os outros para a não manifestar. Mas permaneceu corajosamente de pé, sem pestanciar. Todos o fitaram com admiração. Nunca tinham visto semelhante coragem. Um deles quiz ir buscar azeite para apaziguar a dôr. Sherlock Holmes, porém recusou com desprezo. Finalmente, olhou para o sinal que o tornava membro da associação perigosa e temida dos *apaches* de Paris: um circulo atravessado por uma flecha indiana.

—Creio que vamos de seguida ao «Apache sangrento», disse ele, dirigindo-se ao chefe.

—Alphonse, disse este ao jovem *apache*, que se tornara padrinho do policia, passa adiante e dize-nos se o ar está puro...

Alphonse desapareceu. Alguns instantes depois todo o bando, com Sherlock Holmes no meio, seguia através os campos, em direcção á famosa hospedaria...

—Vai tudo bem! exclamou o chefe designando uma luz que brilhava á janela de uma casa.

Era provavelmente sinal para os *apaches* que nenhum perigo os ameaçava. O bando entrou na sala cheia de fumo. Só ali estava o amigo Alphonse, que fazia festas á criada. Num momento, encheram-se os copos. Começou uma orgia medonha. Sherlock Holmes notou que Alphonse, que lhe parecia dedicado de corpo e alma, falava frequentes vezes com a criada, como quem pedia com insistência alguma coisa. Quando quasi todos os membros da associação se achavam completamente embriagados, Alphonse fez sinal ao policia.

—Se persiste na sua idéa de dar uma volta pelas catacumbas, disse-lhe em voz baixa, precisa de entrar nas boas graças de Jeannette.

Sherlock Holmes aproximou-se da criada, que não era de todo feia, e meteu-lhe uma nota de cem francos na mão.

—Aqui tem, Jeannette, disse o policia. Compre um objecto qualquer como recordação do famoso dia da minha entrada na associação dos *apaches*, e diga-me como se entra nas catacumbas.

—Pelo amor de Deus! Renuncie a essa idéa. Não sabe os perigos que aí o esperam. Encontrará uma morte miserável nas galerias.

—E'-me indiferente! declarou Sherlock Holmes numa voz firme. Quero lá entrar!

A jovem hesitava ainda.

—Está alguém lá dentro, disse ela por fim.

—Evita-lo-hei, retrucou o policia.

—Se encontrar o negro numa galeria, não lhe fugirá e seguir-se-ha um combate terrível.

—De que negro fala? perguntou Sherlock Holmes vivamente interessado.

—E' um antigo *apache* que voltou de Inglaterra.

—Ah! é Maori sem duvida, tornou o policia em voz baixa.

—Pois conhece-o? disse Jeannette, admirada.

—Certamente. Temos trabalhado juntos.

—Ah! é isso, tornou a criada. Nesse tempo tinha um outro amigo, um inglês sempre embriagado, mas nunca mais o vimos!

—Sim, chamavam-lhe Pif d'Azur.

—Exacto! mas nesse caso conhece todos os nossos amigos, disse a rapariga rindo.

—Então deixe-me descer, continuou Holmes num tom de supplica. Quero surpreender o meu amigo Maori lá dentro. Imagine a cara dele, quando me vir! Ainda me julga em Inglaterra, ajuntou rindo. Mas se eu o não encontrar, e se ele sair antes de mim, não lhe fale a meu respeito. Quero fazer-lhe uma surpresa. Se tudo correr bem e eu voltar só e salvo lá de dentro, terão ambos uma boa gratificação.

—Está portanto decidido, disse Alphonse. Não quer atender a nada? Pois bem, pegue nesta lanterna e corra-lhe os riscos! Os nossos colegas ressonam que dá gosto ouvi-los e nenhum deles o verá partir. Diga-me, tem contas a ajustar com Maori? perguntou em voz baixa. Desconfie do velho diabo negro. Deve ter o seu esconderijo ali dentro, e mergulharia sem hesitar o seu punhal na garganta do seu melhor amigo, se fosse dar com ele!

—Serei prudente, nada receio! A caminho!

—Jeannette, que sympathisara com o policia, meteu-lhe duas laranjas nas algibeiras. Este deixou-a rindo. Depois seguiu Alphonse, por uma porta pequena, e achou-se num corredor comprido com o chão de tijolo.

—Aqui está a cave, disse-lhe Alphonse. Ali dentro ha um alçapão, que encontrará facilmente. E' a entrada das catacumbas. E agora, até á vista... Subo para que ninguém desconfie que penetrou o misterio do nosso antro.

Ainda Alphonse não tinha chegado acima já Sherlock Holmes se achava na cave. Estavam ali acumulados objectos velhos de todas as especies, provavelmente para occultar, em caso de necessidade, o alçapão que se via a um canto. Sherlock Holmes abriu-o com muito custo. Acendeu a lanterna que lhe dera Jeannette e começou a

descer vagarosamente os degraus. Tinha que empregar a maior cautela afim de não dar algum passo em falso que o fizesse rolar para o abismo. Chegou a um comprido corredor imerso nas trevas. Nenhum ruído traía a presença de um outro ser humano. O ar ali não era tão mau como julgara. Caixões jaziam ali meio-arrombados. Por todos os lados ossos humanos. O policia, cujas elevadas aspirações filosoficas não podiam permanecer insensíveis perante um tal espectáculo, quedou-se reflectindo. Um ruído distante arrancou-o aos seus pensamentos. Que seria? Os caixões rolando dos seus logares? Ou ter-se-ia fechado o alçapão que deixara aberto? Avançando, chegou a um cruzamento de galerias. Marcou a giz o que deixara, afim de no regresso encontrar o caminho. Conservava firmes nas mãos o revolver e o punhal, porque sabia que só um deles saíria vivo da luta que ia travar-se, e quem sabe se ambos não encontrariam ali a morte. De subito, teve que recuar porque o caminho estava obstruido por um monte de caixões e esqueletos. Tomou outra galeria ao acaso. Succedeu-lhe o mesmo. Deu inumeras voltas para avançar. Subitamente, viu uma luz na sua frente. Parou para respirar.

—Maori! murmurou, occultando a lanterna.

Depois, com precaução, como um indio, foi andando de rastos. A' medida que o policia se aproximava via o negro ajoelhado diante de um caixão; era provavelmente o esconderijo do tesouro. Maori punha as mãos diante da lanterna; um fulgor dali se irradiava.

—Admira o brilho das pedras, pensou Sherlock Holmes, avançando um pouco mais.

O policia perguntava a si mesmo se havia de prostra-lo com um tiro, ou se esperaria que o patife desaparecesse, quando ouviu um estalido.

—O negro fechou o caixão, pensou o policia. Esperemos que se afaste, para eu tirar o tesouro.

Viu Maori erguer-se e pegar na lanterna. Voltou-se então e foi direito onde o policia se achava. Este quiz recuar. Mas, coisa medonha! derubou um caixão, fazendo um ruído enorme, que o traiu. O negro ergueu a lanterna, cuja luz incidiu no rosto do adversario.

—Sherlock Holmes! gritou com furor. Segui-te-me até aqui. Pois bem! Será digno de ti, o tumulo onde morrerás de fome e de sede!

—Brilhou um clarão na sombra, e a detonação de um tiro foi repetida mil vezes pelo eco das galerias. Sherlock Holmes tinha atirado. Mas o negro lançara-se ao chão, apagando a lanterna. O policia ficou um momento imovel, como que petrificado. Ressou na distancia uma gargalhada de escarneo.

—O patife está aqui como em sua casa. Felizmente que os sinais do giz me guiarão!

Ficou pensativo. O negro embuscar-se-ia á saída das catacumbas para o assassinar!

—Oral disse consigo, continuando o seu monólogo, é preciso ter confiança na minha estrela. E depois, não tenho para me defender Alphonse, o meu novo amigo, que espera lá em cima a sua gratificação, e Pif d'Azur, cuja embriaguês depressa se dissipará. O que é certo é que se acendo a lanterna, serei alvo do maldito negro.

Ficou mergulhado em trevas. Avançava lentamente para que se não despenhasse algum caixão. Fez um sinal a giz na parede para encontrar o tesouro quando voltasse. Uma quantidade de caixões fe-lo parar.

—Ah! preciso voltar agora para a direita, disse consigo Sherlock Holmes. Irei ter á galeria grande donde vim para esta. Parou no cruzamento das galerias.

Devo que acender a lanterna forçosamente! Deu ter feito um sinal neste logar. O negro não pode saber onde estou!

Fez luz e examinou durante alguns segundos as paredes.

—Houve sinal. Foi apagado, é visível. Obra de Maori. Trabalho inútil! disse sorrindo.

A sua esperança foi vã. O negro apagara tudo. Já não sabia onde estava. Faltavam-lhe todos os indícios para se orientar. Contudo não perdeu a coragem.

—Vejam. Tentou por todas as formas avançar. Trabalho baldado! Afinal, parou, exausto.

—Isto não pode ser! A minha unica esperança está em Alphonse ou em Pif d'Azur, que não darão amanhã por mim e me procurarão.

Curvou-se para o sólo, procurou com a mão um logar onde pudesse sentar-se, porque se achava extenuado. Deu com um objecto, que não era certamente um caixão.

—Que outra coisa poderá haver neste lugar?

Continuou as suas buscas ás apalpadelas. Eram caixotes e fardos de todos os generos.

—Ah! ah! disse consigo, riundo ao mesmo tempo, a sorte favorece-me, vim ter ao depósito dos roubos dos *apaches*; muito bem, isto permitir-me-ha instalar-me comodamente e dormir um pouco.

Preparou uma verdadeira cama onde se estendeu com toda a tranqulidade. Alguns minutos depois, dormia...

A vingança de Pif d'Azur

Maori entretanto dirigira-se para a sala do «Apache sangrento». A lampada que pendia do teto iluminava confusamente alguns homens dormindo sobre o sólo.

—Estão todos embriagados, disse o negro. A quem me hei-de dirigir?

A sua entrada porém, despertou um deles. Era Alphonse, o amigo de Sherlock Holmes, que não se embriagara por completo.

—O que é que eles teem? perguntou o negro designando os dorminhocos

—Foi um novo associado que pagou a entrada, retorquiu Alphonse bocejando.

—Onde está ele? perguntou Maori.

—Retirou-se talvez. Ou estará com Jeannette tornou o *apache* em voz baixa.

—Com a Jeannette? Nas catacumbas?

—Sei lá! tornou Alphonse encolhendo os ombros, e de repente, na sua meia embriaguez, acudiu-lhe o pensamento que o seu novo amigo tinha contas a ajustar com o negro. Talvez até já o tivesse feito.

—Encontraste-o por acaso lá por baixo? perguntou ele, bem acordado.

—Não te enganas, replicou Maori com ironia. E pela ultima vez.

—Mas é um *apache*! Tem o nosso distintivo. Fui eu que respondi por ele!

O negro riu e olhou para o rapaz com um ar de troça.

—Sabes quem fizeste entrar para a nossa sociedade, meu fedelho?

Alphonse estremeceu. O homem pertenceria á policia?

—Já ouviste falar de um famoso policia, que é o terror de todos os criminosos da Inglaterra? E' verdade que nunca veio a Paris e nunca procedeu contra os *apaches*...

—Diabo! respondeu Alphonse. Será o celebre Sherlock Holmes?

—Ele mesmo, meu pequeno, retrucou o negro, cheio de contentamento.

Alphonse deu um pulo. Tinha introduzindo um espia na associação! Se o soubessem, certamente o matariam!

—Ainda vive? perguntou com anciedade.

—Por enquanto, vive. Mas arranjei de modo que não saia tão depressa do subterraneo. Aquele diabo tinha feito sinais com giz, para saber o caminho. E eu apaguei-os. Poderá passar durante alguns dias, até reabentar de fome e de sede. Por excesso de precaução felei o alcapão.

O *apache* respirou.

—Fizeste bem. Nunca poderá saír sem encontrar a galeria que conduz ao subterraneo daqui.

—Havia ainda uma esperança de salvação para ele, continuou o negro. Se por acaso encontrasse o poço que vai ter ao campo St.-Germain.

Alphonse reflectiu por um momento.

—Tens razão, disse ele, é pouco provavel que encontre o poço. Mas enfim, podia succeder. E' preciso prever o caso.

—Pois bem! façamos o seguinte: Tu vais vigiar a porta do subterraneo e não a abrirás, mesmo que ouças bater. Eu vou para junto do poço, e mata-lo-hei se o vir em baixo. Agora tenho que ir a casa. Vou dormir algumas horas e buscar o revolver. Se o tivesse hoje comigo, teria tido occasião de me servir dele.

Os dois cúmplices apertaram-se as mãos como sinal de aliança, e o negro afastou-se. Era dia quando chegou a casa. Entretanto Harry Taxon estava na maior anciedade. O mestre que saíra na véspera ao anoitecer ainda não tinha voltado. Que havia de pensar? Teria succedido algum desastre a Sherlock Holmes? Teria caído nas mãos de Maori? Demorar-se-ia devido ás suas observações? Ou teria descido ás catacumbas? Esta ultima hypothese enchia-o de susto. Em Paris, naquela cidade desconhecida, sentia-se só e abandonado. Em Londres, conhecia mil meios de se livrar de embaraços. Toda a policia estava á sua disposição. Ali, não se dava esse caso. Alem disso, não podia abandonar os quartos, por que tinha que velar por Zaire. O effeito do narcotico durava ainda. Saíra durante alguns minutos da sua letargia, para recair de seguida no sono mais profundo. Quanto a Pif d'Azur, dissipara-se-lhe a embriaguez passadas vinte e quatro horas, e sentindo-se bem disposto, tinha saído. Voltara a estar de sentinela em frente da casa de Maori. Preguntava a si mesmo se não devia antes dirigir-se ao café do «Apache sangrento» que conhecia muito bem. Já Pif de Azur começava a desesperar, quando de repente teve a alegria de ver o negro sair de casa e seguir a rua com passo rapido. O ebrio foi caminhando atraz dele. O negro, de resto não procurava occultar-se. Quem poderia temer? Sabia o seu inimigo Sherlock Holmes encerrado nas catacumbas. E estava a cem leguas de pensar que Pif d'Azur, que deixara na casa abandonada de Mortlake, se achava em Paris e lhe seguia os passos. Estava portanto plenamente tranquillo, e dirigia-se alegremente para o lado da barreira do Inferno.

—Vai ao «Apache sangrento», murmurou Pif d'Azur, que seguia Maori a uma certa distancia.

O inglez occultou-se por detraz de um monte de pedras donde via perfectamente o entrada do «Apache sangrento». Conhecia o local tão bem como as suas algibeiras, tendo feito parte alguns anos antes, da associação dos *apaches* de Paris, quando fôra obrigado a sair de Londres por motivos particulares.

—Tenho uma boa hora ou duas diante de mim, murmurou. E absorveu uma parte respeitavel da garrafa de aguardente que levava, para esperar com paciencia.

Mas qual não o seu espanto quando, meia hora depois, viu o seu antigo amigo sair da hospedaria.

—O que andará ele a tramar! perguntou a si mesmo, vendo Maori deixar a estrada para se dirigir por um terreno inculto cheio de pedras. Vai até ao poço Saint-Germain, talvez. Tenho aí um excellent posto para o observar.

Sem fazer ruido, deitou-se no chão e foi ras-tejando como uma serpente. Achava-se a vinte

metros de distancia do negro que podia observar á vontade.

—Ora esta! tem o revolver ao alcance da mão e olha constantemente para o poço. Quer provavelmente desfechar sobre algum que deve sair por ali das galerias. Quem será? Sherlock Holmes talvez, que deve andar em procura do tesouro nas catacumbas.

Prudentemente e sem fazer o minimo ruido, o patife tirou do cinto uma correia bastante forte, com a qual formou uma especie de laço semelhante áquele que empregam os *cowboys* da America para apanharem a caça. Em seguida voltou a observar o negro. No fim de cerca de uma hora, estremeceu. O negro, como se sabe, apenas dormira algumas horas de manhã. A posição incomoda em que precisava estar afim de vigiar o interior do poço não tardou a cança-lo. Começou a dormitar. Inconscientemente, estendeu-se junto do madeiramento que cercava o precipio. Bem depressa uns roncões sonoros testemunharam que adormecera profundamente. Então Pif d'Azur saíu do seu esconderijo. Chegou sem fazer ruido até junto do negro. Sem que este o sentisse, atou-lhe fortemente os pés com o laço, e fixou a outra extremidade da correia a uma viga do madeiramento.

—Ah! murmurou — e uma alegria infernal lhe illuminou o rosto. Eis-te preso. Agora, não me escapas, meu rapaz!

Verificou ainda a solidez da correia, e da viga, e viu se os nós estavam bem apertados.

—*All right!* disse ele!

A sua comoeção por ver o bom exito do plano infernal que imaginara até lhe tirava a respiração.

—*All right!* E agora, vai começar a dançar!

Olhou em volta. Ninguém! Colocou-se então a um metro de distancia do negro.

—Maori! gritou tão alto quanto ponde, Maori! Sherlock Holmes está aí!

O negro deu um salto. Quiz apoderar-se do revolver. Mas Pif d'Azur tinha-lho tirado. As pernas, atadas, mal lhe permitiam ter-se de pé. Encostou-se a uma das mãos para se levantar... Rangeram-lhe os dentes. Fixava os olhos desmedidamente abertos em Pif d'Azur. Não comprehendia o que se passava. Como era que o seu antigo cúmplice, que deixara na casa abandonada de Mortlake, votado a uma morte certa se achava ali? Julgou que era um pesadelo.

—Pif d'Azur? disse numa voz que traía bem o medo que sentia.

—Sou eu, retrucou o ebrio que se collocara junto da viga onde amarrara a correia, sim o teu amigo Jack Brown em pessoa!

—Como... estás tu... aqui? balbuciou louco de raiva.

—Foi o meu amigo Sherlock Holmes que me conduziu a este local, tornou Jacke com um riso de escarneo. Chegou a tempo á casa de Mor-

tlake onde ia fazer-te uma visita. Encontrou-me na cave onde me deixaste em bom estado.

A raiva de Maori aumentou ainda, quando viu nas mãos de Pif d'Azur o seu proprio revolver carregado.

—Que queres de mim? e no rosto do negro via-se ao mesmo tempo a raiva e o terror.

—Quero a minha vingança plena e completa! gritou o inglez a quem a lembrança de que sofrera tornava furioso.

—Piedade! gemeu o negro, tentando andar apesar de ter os pés amarrados.

—Piedade! repetiu Pif d'Azur com ironia. Sim, terei a mesma que tiveste para comigo. Tinhas-me condemnado á morte, não é verdade, bandido?

—Repararei tudo, gemeu o negro.

A resposta foi um sorriso de escarneo.

—Sim, já sei. Tambem o disseste á pequena Zaire, para que te indicasse o esconderijo do tesouro. De resto, devo informar-te que ela foi salva por Sherlock Holmes, que a encontrou adormecida por cima da jaula dos ursos. E agora, amigo, tambem te encontros por cima do precipicio. E vou pagar-te na mesma moeda. Sabes que o poço tem trinta metros de fundo?

O negro não respondeu. Todo ele tremia. Bem comprehendia que nada tinha a esperar do seu adversario.

—Tambem sabes, proseguiu Pif d'Azur, que o fundo é de pedra, o que fará uma excelente cama para quem se deixar cair lá dentro.

Maori, que conseguira erguer-se, teve que se deixar cair no solo. As pernas tremulas não o sustinham. Pif d'Azur continuou a falar por algum tempo, para gosar do desespero do seu antigo amigo. Por fim terminou, num tom de comando:

—Vamos, é tempo de ajustarmos contas.

O negro fitou-o como que idiota.

—Senta-te na balaustrada.

Maori hesitou a obedecer.

—Cão, quebro-te as pernas se não obedeces, gritou Jacke na auge da raiva.

O negro saltou um grito de terror vendo o revolver inclinar-se para ele.

Trepou, gemendo, para cima da balaustrada, que podia ter um metro de altura.

—Queres salvar a vida? perguntou o inglez, aproximando-se.

—Sim! sim! gritou o negro, farei tudo que quiseres.

—Bem. Dize-me então onde escondeste o tesouro do velho negociante de escravos.

Maori, comprehendendo o projecto do seu antigo cumplice, gritou furioso:

—Queres apoderar-te de todas as joias, e eu de nada, eu que fiz tudo, que os livreli do velho.

—*Very well*, tornou Pif d'Azur. Tens a escolha: as joias ou a tua pele.

O negro recomeçou a gemer. Não podia decidir-se. Pif d'Azur ergueu lentamente o revolver.

—Sim! exclamou o negro, louco de terror, dar-te-hei tudo!

—Bem! Onde é o esconderijo?

—Nas catacumbas. Mas nunca o encontrarás, ainda que te explique. Deixa-me descer contigo, e juro-te...

—Basta de asneiras, interrompeu Jack. Sabes bem o que os teus juramentos valem. Vamos, depressa! Onde é o esconderijo?

—Não! gritou o negro desconfiado. Matar-meias depois, da mesma maneira. Prefiro levar o meu segredo comigo.

O inglez devia estar á espera daquela resposta. De um salto terrivel precipitou-se sobre Maori, e applicou-lhe um tal murro no peito, que este perdeu o equilibrio. Cafu dando um grito medonho. A correia porém, reteve-o. Ficou suspenso, com a cabeça para baixo, sobre o abismo. Deu um uivo terrivel. Tentou agarrar-se com as mãos á parede escorregadia. Mas debalde. Nem um ponto de apoio, só a pedra, a pedra dura, implacavel... O inglez deixou-o gritar até ficar rouco.

—Agora, meu amigo, disse ele então, vais deixar-me falar.

Maori ergueu a cabeça. Tinha ouvido.

—Queres dizer onde occultaste as joias? perguntou Jack.

O negro soltou um gemido.

—Bem! A tua sorte está nas tuas mãos! Podes ainda salvar-te. Dou-te meio minuto para reflectir. Se daqui até lá não te mostrares razoavel, corto a correia, e caís no abismo!

E Maori ouviu o seu antigo cumplice abrir um canivete.

—Vou dizer-te tudo, suspirou ele por fim.

—Está bem! Mas não mintas. Conheço tambem como tu todos os recantos das catacumbas.

—Não minto, tornou o negro. Conheces a galeria que vai direita ao campo dos *apaches*?

—Perfeitamente, retorquiu Jack, que não perdia uma palavra.

—A terceira galeria paralela á esquerda conduz ao meu esconderijo. Sabes onde é o caixão do bispo?

—Sei! Era af dantes o teu esconderijo, replicou Jack. Surpreendi-te mais duas vezes diante do caixão desse homem veneravel.

—E' af dentro o esconderijo. Sabes tudo, agora...

—Disseste tudo? proferiu Pif d'Azur numa voz ameaçadora.

O negro hesitou um momento.

—Tira-me daqui, implorou ele. Não posso mais. O sangue cega-me. Já não vejo bem.

—Occultas-me ainda alguma cousa, cão, gritou Jack. Confessa...

—Nada tenho a confessar, gritou Maori.

—Pois então, tornou Jack, foste tu que assim o quizeste. Não quero matar-te, o que todavia me seria fácil. Vou fazer o que tens por habito praticar, para não carregar a minha consciencia com um crime.

Vou cortar a correia. Caíráis de uma altura de trinta metros. Tanto podes morrer como salvar-te. Estamos juntos!... E agora Sherlock Holmes vá para o diabo! A mim, o tesouro!

O miseravel cortou a corda.

O rugido de Maori sumiu-se com ele no abismo.

A maldição do negociante de escravos

Sherlock Holmes tinha dormido durante algum tempo. Acordou com uma sede ardente. Mitigou-a com as laranjas que Jeannette lhe metera na aligeira. Acendeu a lanterna e olhou para o relógio.

—São oito horas, Dormi portanto seis ou sete. A minha situação não é certamente invejável. Mas não tem nada de desesperada.

Desceu os vidros da lanterna, que apenas dava uma fraca luz. Maori podia estar ainda á espreita, e meter-lhe uma bala no corpo, visando a lanterna.

—Para falar a verdade, pensou o policia não creio que o negro ainda se ache por estes sitios. Foi antes esclarecer os *apaches* sobre o verdadeiro caracter do novo associado, de sorte que vou ter que me haver com todo o bando.

A perspectiva nada tem de tentadora. Se fosse justificada, tinha soado a minha ultima hora. Nunca os *apaches* deixariam sair das catacumbas aquele cuja fama chegou certamente até eles e sabendo-o de posse de todos os segredos.

—Preciso mudar de poiso, porque o primeiro cuidado dos *apaches* será visitar o seu campo.

Arrastou alguns fardos de panos para uma galeria lateral, e arranjou assim um esconderijo, onde se instalou confortavelmente.

—Se tivesse uma bussola apenas! pensou. Poderia caminhar numa certa direcção, sempre a mesma e repetir varias vezes a experiencia. Mas deixei a minha em casa, assim como a lanterna electrica. E vejo-me obrigado a permanecer imóvel como um rato na ratoeira.

Esperava sempre ver aparecer Pif d'Azur. Este devia ter acordado e informado por Harry sabia com certeza que Sherlock Holmes desaparecera na véspera á noite.

Mas ninguém... Sempre as trevas e o silencio. Os *apaches* não apareciam.

E contudo, sim. A explicação era demasiado simples. A fome e a sede seriam os seus cúmplices. Mais alguns dias, e aquele que conhecia o seu segredo teria desaparecido, sem que nenhum dos associados tivesse de acusar-se da sua morte.

Parecia ao policia que cada vez fazia mais ca-

lor nas catacumbas. A lingua pegava-se-lhe ao céu da boca. Não era só a sede que o fazia sofrer, começava tambem a sentir fome.

—Antes de formar planos para a minha salvação, é forçoso que veja se ha alguma cousa que comer no deposito dos *apaches*.

Escutou ainda uma vez. Nada senão o silencio do seu imenso tumulto. Acendeu então a lanterna e dirigiu-se ao deposito.

Fez descobertas extraordinarias; fazendas, vestidos ricos, ouro e joias, relógios de todas as proveniencias, anéis sem conta, mas no meio de tudo isso, nada que comer!

Sherlock Holmes ia voltar para o seu refugio, suspirando, quando uma caixa pequena quadrada lhe atraía a atenção.

—Figos! exclamou. Vamos! a sorte não é muito cruel para mim. Tenho alimento para um dia nesta caixa, se poupar o seu conteúdo.

«Diabo! tornou, a lanterna que Jeannette me ofereceu tão graciosamente, está-se apagando! Isto é que é de veras triste!

Por toda a parte trevas... nada que podesse rasgar aquele veu negro que se lhe estendia diante dos olhos... Nenhuma idéa sobre a direcção a tomar para sair daquelle labirinto e ver enfim a luz do dia... Apoderou-se um certo desanimo do policia. Mas reagiu prontamente.

—Vamos, disse consigo num tom energico, só os mortos estão perdidos e eu estou vivo. Hei-de forçosamente achar um meio de sair deste subterraneo. De resto Harry Taxon e Pif d'Azur hão de fazer todo o possível para me encontrarem.

Mas o calor acabrunhava-o... Caía num torpor invencível...

De subito acordou. O que era? Dir-se-ia que uma luz atravessara a galeria.

Ergueu-se de um pulo e dirigiu-se para o entre-cruzamento das galerias. Numa delas viu uma luz.

—E' um homem que leva uma lanterna disse o policia a meia voz. Preciso segui-lo: depende disso a minha vida...

Foi atraz daquelle salvador providencial seguindo sempre pelo meio da galeria, onde havia menor aglomeração de caixões.

Conservava-se um pouco distante do homem para não ser visto, caso ele se voltasse.

Mas quem quer que era parecia não ter a minima suspeita a esse respeito.

Seria ilusão! Pareceu ao policia que a figura que via por vezes destacar-se no fundo da galeria, cambaleava um pouco.

O homem parou, e Sherlock Holmes viu-o examinar os caixões.

—E' Maori, o negro, sem duvida; visita outra vez o tesouro.

O homem que Sherlock Holmes tomava pelo negro inclinou-se... Devia ter descoberto o

caixão. Um grito de alegria lhe acudiu aos lábios; encontrara o cofre.

Involuntariamente, o policia avançava sempre, quasi certo de que o homem não pensaria em voltar-se...

Neste momento resouu uma terrível explosão. Bocados de caixões, pedras, ossos voaram de todos os lados. Uma espessa nuvem de fumo e de poeira invadiu a galeria onde o policia se encontrava. Teve que fugir, para não ficar asfixiado.

Poz-se a correr cada vez mais, sempre seguido pelos vapores empestados da explosão.

Não podia sequer pensar no que aquela aventura tinha de extraordinario. Fugia, cada vez mais depressa!

De repente, pareceu-lhe sentir uma aragem que lhe refrescava o rosto.

Aproximava-se com certeza de uma abertura por onde entrava o ar.

Seria uma saída? Correu quanto ponde. Viu então claridade.

Julgou ficar doido de alegria?

Era uma lanterna dependurada na parede. Quasi que soltou um grito. Estava na cave do «*Apache sangrento.*»

Parou um momento para tomar a respiração. Poz o ouvido á escuta. Tudo estava em silencio: O famoso café devia ter poucos freguêses áquella hora.

O policia subiu vagarosamente a escada: Entrou no vestibulo... empurrou uma porta... O ar, a luz, o sol!

Cambaleando de fraqueza, mas são e salvo, e principalmente feliz por estar vivo, o policia apressava o passo. Chegando ao lado oposto do campo cheio de pedras, parou para descansar.

Um rapaz, um *apache* provavelmente, aproximou-se-lhe.

— Mestre...

— Harry! meu velho camarada!

E caíu quasi inanimado nos braços do mancebo.

Ainda não nascera o sol e já dois homens atravessavam o campo Saint-Germain tomando a direcção do poço que fôra tão nefasto ao negro Maori.

— E' por aqui que mais facilmente poderemos penetrar nas catacumbas, disse Sherlock Holmes. Segundo o plano que encontrei ontem num velho tratado, a explosão não se produziu muito longe do poço para onde nos encaminhamos. Maori posera provavelmente uma bomba no seu esconderijo, para uso dos visitantes que não eram esperados, ele proprio a fez explodir e foi victima da sua exagerada providencia.

— Não posso explicar para onde fosse Pif de Azur, exclamou Harry.

— Está de sentinela junto da casa do negro. Procura-o para se vingar, porque o seu odio é mortal.

Os dois homens chegaram junto do poço.

— Esta vigia parece-me muito solida, disse o policia atando á uma corda. Tu ficarás de sentinela aqui; para não deixares aproximar ninguém.

— Mestre, replicou Harry, ficaria mais esgado se me permitisse descer em seu logar.

— Que ciancie! Eu já conheço aquilo lá por dentro. E de mais preciso ver o que é feito do negro, e se salvou as joias. O meu parecer é que ele não escapou á explosão.

Experimentou a solidez da corda, acendeu a lanterna que tinha á cintura, apertou a mão do mancebo e saltou a balastrada. Desceu lentamente. Tudo se tornava sombrio em roda dele. Quando chegou ao fundo do poço só encontrou caixões e esqueletos; constatou com alegria que estava perto do esconderijo do tesouro pois reconhecia os objectos que o cercavam. A violencia da explosão tinha arremessado para todos os lados caixões, e ossadas. Uma forma escura, deitada no solo, tinha nos braços um cofre aberto cujo conteúdo brilhava á luz da lanterna.

O policia soltou uma exclamação de assombro. Não era Maori, era Pif d'Azur que jazia ali, morto nas catacumbas. Fôra victima da sua cupidez. Mas como podera descobrir o esconderijo? Um cheiro horrivel a cadaver em decomposição fez com que o policia abandonasse as suas reflexões. O cadaver de Maori, jazia por detraz de um caixão, totalmente esmagado pela queda. A correia que lhe segurava os pés permitiu a Sherlock Holmes reconstituir o drama de que o poço fôra o teatro. Então prendendo o tesouro na cintura, o policia subiu até á superficie do solo.

O tesouro foi distribuido por centenas de doentes e enfermos.

Zafre, a pobre mulatinha, saíu da letargia em que a mergulhara o poderoso narcotico do negro Maori. Mas ficou com uma doença mental incuravel. Teve que entrar num asilo de alienados que por sua morte, que não demorou muito, ficou de posse do tesouro. A maldição do negociante de escravos, depois de haver atingido sucessivamente Maori e Pif d'Azur recaíu tambem sobre ela.

FIM

LEIAM NO PROXIMO NUMERO:

O KODAC TRAIÇOEIRO

WITAL
 Este medicamento é
 muito conhecido e
 muito usado em
 todas as partes do
 mundo, e é muito
 eficaz para curar
 todas as doenças
 que se podem curar
 com remédio.

WITAL
 Este medicamento é
 muito conhecido e
 muito usado em
 todas as partes do
 mundo, e é muito
 eficaz para curar
 todas as doenças
 que se podem curar
 com remédio.

Que se tenha evitado se tivessem usado
 Este medicamento

A pomada WITAL

Esta pomada é muito conhecida e muito usada em todas as partes do mundo, e é muito eficaz para curar todas as doenças que se podem curar com remédio.

Esta pomada é muito conhecida e muito usada em todas as partes do mundo, e é muito eficaz para curar todas as doenças que se podem curar com remédio.

AVISO — A abertura desta obra constitue a obrigação da sua compra

Experimente a minha pomada
"NITAL"

Esta impede a queda do cabelo, acaba com a caspa, devolve ao cabelo prematuramente esbranquiçado, a sua cor natural; faz tambem crescer as sobrancelhas, as pestanas e a barba.



O meu remedio para o crescimento do cabelo é vendido pelas suas proprias qualidades, sem o réclamo ruidoso dos anuncios. Toda a pessoa sensata comprehende facilmente que me seria impossivel dar amostras da minha preparação, se não fosse em tudo verdadeira.



Triste espectáculo este!

Que se teria evitado, se tivessem usado

A pomada NITAL

Esta evita a caspa, a queda do cabelo, faz crescer a barba e o cabelo.

V. Ex.^{as} não podem ver crescer o cabelo num quarto de hora, mas geralmente vê-se nascer novo cabelo depois de uma ou duas semanas de tratamento.

Envio uma amostra a quem me enviar 1\$00.

PREÇOS

1 caixa grande	5\$00
4 " "	18\$00

Pelo correio, mais \$50 centavos por caixa

Pedidos a GEORGE SATIN

Rua da Era, 17
LISBOA